



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

OS HOMENS DA LITERATURA VIVA

LARISSA OLIVEIRA LINDER
THIAGO PRADO NERIS

Rio de Janeiro

2009



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

OS HOMENS DA LITERATURA VIVA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido
à Banca de Graduação como requisito
para obtenção do diploma de Jornalismo

LARISSA OLIVEIRA LINDER
THIAGO PRADO NERIS

Orientador: Prof. Ms. Paulo Roberto Pires

Rio de Janeiro
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia o Trabalho de Conclusão de Curso **Os Homens da Literatura Viva**, elaborado por Larissa Linder e Thiago Prado Neris.

Projeto experimental examinado:

Rio de Janeiro, no dia/...../.....

Comissão Examinadora:

Orientador: Prof. Ms. Paulo Roberto Pires
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Dr. Lélío Dornelles Facó
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof.^a Dra. Maria Teresa Ferreira Bastos
Departamento de Comunicação - UFRJ

Rio de Janeiro

2009

LINDER, Larissa Oliveira; NERIS, Thiago Prado. **Os homens da literatura viva.** Orientador: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Trabalho de Conclusão de Curso / Projeto Experimental em Jornalismo.

RESUMO

A reportagem apresenta perfis de artistas radicados no Rio de Janeiro e em Pernambuco ligados pelo universo da literatura de cordel. Escritores, declamadores e xilógrafos renomados ou não se revelam aqui em texto e fotografias, envolvidos em informações históricas e factuais desse gênero. O trabalho tem a pretensão de fornecer um panorama da produção de cordel no país e identificar, entendida a partir de seu passado, quais as projeções dessa forma de poesia e sobrevivência para as gerações seguintes.

SUMÁRIO

1. RELATÓRIO TÉCNICO

1.1 A proposta

1.2 A execução

2. O PROJETO: OS HOMENS DA LITERATURA VIVA

3. AS IMAGENS DA LITERATURA VIVA

4. REFERÊNCIAS

4.1 Bibliografia

4.2 Reportagens

4.3 Forma

4.4. Fontes

4. REFERÊNCIAS

4.1 Bibliografia

- ASSUMPCÃO, Fernando Silva. *Economia no barbante*. Disponível em: <http://www.ablc.com.br/pdf/economianobarbante.pdf>. Acesso: outubro de 2009.
- Cordelteca, [acervo digital de cordel]. Disponível em: http://docvirt.no-ip.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=\\Acervo01\drive_r\Trbs\Cordel\Cordel.docpro&Pasta=&PagLog=&Pesq=&PagFis= Acesso: outubro de 2009.
- Dicionário Brasileiro de Literatura de Cordel*. Rio de Janeiro: ABCL.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- NORDESTINO, Franklin Maxado. *O cordel do cordel*. São Paulo: [s.n.], 1982
- SILVA, Gonçalves Ferreira da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 3ª ed.
- SANTOS, José João dos (mestre Azulão). *O que é literatura de cordel?* Japeri: [s.n. 200-]

4.2 Reportagens

- KAPUSCINSKI, Ryszard. *Ébano: minha vida na África*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 200
- ROTHER, Larry. *Deu no New York Times*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- TALESE, Gay. *Fama e anonimato*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2004.

4.3 Forma

- BERABA, Marcelo. *Fundamentos da reportagem*. In: 4º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo. São Paulo: Abraji, 2009.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993.
- FILHO, Adelmo Genro. *O Segredo da Pirâmide*.
- FUSER, Igor (Org.). *A arte da reportagem*. São Paulo: Scritta, 1996.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é livro-reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e literatura*. Barueri: Manole, 2004.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular, 2004.

4.4. Fontes

- ASSUMPCÃO, Fernando Silva. Economista e Benemérito da Academia Brasileira de Literatura de Cordel.
- BORGES, José Francisco. Poeta e gravurista de cordel radicado em Bezerros, Pernambuco.
- CISTÓVÃO, José Severino. Poeta do cordel radicado em Caruaru, Pernambuco.
- FILHO, Olegário Fernandes. Poeta, professor e museólogo do cordel radicado em Caruaru, Pernambuco.
- PEREIRA, Paulo. Declamador e cordelista radicado em Caruaru, Pernambuco.
- SILVA, Erivaldo Ferreira da. Gravurista de cordel. Nasceu no Rio de Janeiro em 1965. Fez o curso de artes plásticas do Museu de Arte Moderna (MAM). Já ilustrou mais de cem folhetos de cordel.
- SILVA, Gonçalves Ferreira da. Cordelista e diretor da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Cearense nascido em Ipu, em 1937, veio para o Rio de Janeiro aos catorze anos. Tem mais de duzentos títulos publicados.
- SOARES, José (Dila). Escreve, publica e ilustra folhetos. Nasceu em Bom Conselho, Pernambuco, em 1937. É um dos mais famosos cordelistas brasileiros.

1. RELATÓRIO TÉCNICO

1.1 A proposta

A literatura de cordel é uma das tradições nordestinas que ainda se faz presente no Brasil. O estilo de escrita medieval influencia correntes musicais como o repente, a embolada e o forró. Sua oralidade em forma de desafios pode ser vista no *rap* paulistano e no *funk* carioca. O gênero até hoje conta fatos e histórias, através de versos rimados em estrofes, a pessoas com menos acesso à grande imprensa, mas já chegou às zonas urbanas brasileiras trazido pelos migrantes. No Rio de Janeiro, a feira de tradições nordestinas de São Cristóvão é o elo local com o cordel deste trabalho, desenvolvido em forma de reportagem jornalística, nas plataformas de texto e fotografia. Fomos guiados pelo objetivo de entender a importância e as facetas do cordel como forma de comunicação, informação, entretenimento e cultura.

Fazer uma reportagem sobre cordel foi uma idéia surgida a partir da leitura do livro *Deu no New York Times*, do jornalista Larry Rother. A obra traz impressões sobre a cultura brasileira, incluindo o tema do cordel e também constam reportagens de Rother sobre essa literatura para o jornal homônimo americano. A partir disso, nos demos conta de que a imprensa brasileira cobre parcamente o tema. Lendo jornais diariamente, onde há matérias de temática cultural de segunda a segunda, não podíamos nos recordar de uma que se referisse ao cordel. Nem na seção de cultura nem em qualquer outra. A ausência nos chamou a atenção, assim como o fato de termos acordado para o tema por meio de um estrangeiro, e despertou em nós a curiosidade sobre assunto: o quê, exatamente, era o cordel? De onde tinha vindo? Como as pessoas o vêem fora do país? Porque não tem destaque nos grandes veículos? Quem são esses artistas que escolheram o cordel como meio de vida, mesmo tendo pouco ou nenhum reconhecimento no Brasil? Como esse movimento contribui para informar, entreter?

Mas porque é importante falar de cordel? O cordel importava, principalmente, a populações rurais e sertanejas que tinham pouco ou nenhum acesso à literatura ou à informação jornalística. Antes do rádio e da TV, fez igualmente o papel de entreter e informar o povo. Diante do jornalismo escrito, fez as vezes de meio de informação, com a palavra cantada, direcionado a pessoas que não aprenderam a ler. O intuito do trabalho é mostrar a atual situação do gênero, como suas transformações e sub-

produtos contribuem para ampliar a compreensão sobre determinados fenômenos sociais e culturais, além de servir de referência a propostas para diminuir desigualdades e problemas afins. O trabalho procura preencher a lacuna desse gênero literário nos veículos de comunicação brasileiros e evidenciar a contribuição de seus escritores à sociedade.

Junto com os colonizadores portugueses, vieram para o Brasil romanceiros que cantavam proezas, histórias de cavalaria e amor, conquistas extraordinárias e acontecimentos. Aqui, adaptaram-se a uma nova realidade. O cordel nordestino é hoje uma arte que sobrevive ao tempo, enquanto nos países de origem praticamente se extinguiu. A literatura, que tem como nome *cordel* porque se apresenta tradicionalmente como folhetos pendurados em barbantes, foi trazida por portugueses, que as chamavam de folhas volantes, embora também tenha origens francesa (onde se chama *littérature de colportage*) e espanhola (*pliegos sueltos*).

Seu nascimento na península ibérica remonta ao século XVII. Os colonizadores também levaram o cordel para outros países da América Latina, como Argentina, México, Nicarágua e Peru, onde é conhecido como *corrido*, *hojas* ou *pliegos sueltos*. Ainda há o *contrapunto*, no México, semelhante à peleja ou desafio de cantadores, como ocorre no nordeste.

Ao incorporarem o cordel, os nordestinos passaram a cantar em versos seu cotidiano e histórias de pelejas e acontecimentos. Segundo o folclorista Manuel Diegues Jr, o cordel feito no Brasil frutificou, entre outras razões, porque misturou-se à cultura africana que encontrou aqui. Os escravos tinham a marca da oralidade. Cantando ou narrando suas histórias, esses africanos eram conhecidos como akapalôs.

A forma escrita do cordel só apareceu no Brasil quando, no século XIX, a imprensa brasileira começou a ter presença mais significativa. Foi então que os cordelistas viram uma forma de ganhar dinheiro, passando a imprimir o que cantavam para vender em feiras. É atribuído ao paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) a impressão do primeiro folheto em 1893. Ele teria começado a escrever quatro anos antes e, quando as tipografias começaram a se multiplicar no país, passou a imprimir.

Os acontecimentos eram a melhor forma de lucrar por meio dos folhetos impressos, já que literatura de cordel era a fonte de informação antes dos jornais. Na Europa, quando a imprensa se consolidou, o cordel decaiu. No Brasil, contudo, ela

continuou apesar dos jornais, só ameaçada, mais tarde, pelo rádio e pela televisão. “Tancredo (Neves) morreu às 22h. Às 9h do dia seguinte já tinha cordel”, conta o poeta J. Borges. “O povo preferia o cordel porque entendia melhor que os jornais”, diz. A linguagem popular, mais acessível, é tida por Diegues Jr. como um dos fatores de sucesso do cordel no Nordeste.

Além dos acontecimentos, há uma série de outros temas escolhidos pelos poetas. Para Dila, um dos cordelistas entrevistados, histórias de Lampião e seu bando estariam entre as preferidas dos leitores. Cristóvão, outro poeta, prefere não vender “mentiras”, como se refere à ficção, atendo-se a cordéis biográficos e científicos, frutos de suas pesquisas. J. Borges tem preferência pela ficção, embora também já tenha escrito muito sobre acontecimentos. Um de seus cordéis mais famosos narra a chegada de uma prostitua no céu. Os temas escolhidos para serem retratados são muitos, bem como os motivos que levam a essas escolhas.

Desde o seu nascimento no Brasil, o cordel passou por um período de crescimento até seu auge, e depois decaiu. Segundo Ana Maria Galvão, doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e estudiosa do cordel, o auge dessa literatura no Brasil aconteceu entre as décadas de 1930 e 1950, quando montaram-se redes de produção e distribuição de folhetos, e constituiu-se um público de forma mais significativa. Nos anos 1950, a tiragem dos folhetos chegava a casa dos milhares, e havia casos de malotes enviados para venda por avião.

Historiadores e folcloristas, como Manuel Diegues Jr., apontam o folheto *Peleja entre Cego Aderaldo e Zé Pretinho do Tucum*, como a maior vendagem da história do cordel no Brasil, tendo alcançado 500 mil exemplares. Venda nunca atingida por nenhuma outra obra literária no país, nem mesmo pelos *best-sellers* de Paulo Coelho. A autoria, entretanto, é posta em dúvida, algo comum no universo do cordel, já que poetas se apropriam de histórias alheias, fazem alterações e reeditam várias vezes. Além disso, as histórias orais são tomadas por vários cordelistas como suas, dificultando a precisão em apontar o autor verdadeiro de cada trabalho. No caso de *Peleja* há dois autores possíveis: Firmino Teixeira do Amaral e José Bernardo da Silva.

A morte do presidente Getúlio Vargas foi um dos eventos que renderam grandes tiragens. “Naquela época, enriqueci. Era charuto e cerveja todo dia. Vendi 11 mil folhetos do Getúlio em três semanas”, conta o poeta Manuel Monteiro, em

entrevista ao jornal O Estado de S. Paulo em novembro de 2004.

Na década seguinte seria diferente. A abertura de estradas no nordeste, a difusão da TV, a censura do governo militar e o mau andamento da economia são apontados como os motivos para a queda nas vendas na década de 1960. Olegário Fernandes, administrador do Museu do Cordel em Caruaru, diz que a difusão da TV foi um dos principais fatores. Se antes o povo do interior nordestino se informava pelos cordéis, agora passava a assistir TV para isso.

Dila, um dos cordelistas entrevistados, conta que uma grande seca marcou a queda nas vendas. “Houve uma crise na plantação de algodão. Ninguém tinha mais dinheiro”, diz. Jota Borges, outro poeta, também lembra a seca e leva esse fator em consideração quando fala na queda das vendas naquela época. Borges também cita a censura e conta que havia um certo medo em publicar cordéis.

Nossa metodologia é baseada em de fundamentos de apuração definidos em pesquisa, observação, entrevistas, documentação e checagem ao longo da produção e edição do material final, a fim de constituir um produto em forma de texto e fotografia sobre o tema escolhido.

Quanto à parte de pesquisa, a apuração buscou em fontes escritas e orais a matéria-prima para redação do trabalho, além de experiências presenciais para captação do material fotográfico e narrativo sobre a literatura de cordel e o entorno do fazer do gênero. Documentos oficiais, trabalhos acadêmicos como teses, dissertações e artigos, periódicos, entrevistas, fotografias, gravações audiovisuais, ficção e a própria produção em cordel foram pesquisados para servir à elaboração de entrevistas e à confecção da reportagem. Essa bibliografia serviu tanto para trazer novas situações e informações sobre o tema, quanto para embasar e servir a futuras referências, propostas e conclusões a partir das sugeridas pelo trabalho. Paralelamente, aconteceu a transcrição das entrevistas, seleção das informações, redação do texto final e ampliação das fotografias.

A parte referente à observação foi feita nas viagens para recolhimento de informações *in loco* pertinentes ao tema da reportagem. Esse trabalho de campo pretendeu servir às entrevistas e à pesquisa documental, mas principalmente à observação do fenômeno abordado, seus personagens e experiências encontradas. O uso dessa técnica deve exigir o domínio do texto jornalístico para evitar a presença do supérfluo. Característica que voltou a ser absorvida pela imprensa, a observação se via

reprimida pelos próprios repórteres que, seguindo o mito da objetividade e neutralidade, passaram a se basear somente em declarações e documentos oficiais.

Não há, propriamente, juízo de valor ao longo do texto, mas cremos que o relato da realidade em si já possa gerar no leitor conclusões legítimas ou subjetivas.

As informações obtidas pelo meio de diálogos e perguntas pré-formuladas a pessoas ligadas ao gênero e suas derivações, entram no texto final por meio do discurso direto ou indireto, e observarão critérios de relevância e interesse do ponto de vista humano para ganharem espaço necessário.

Todo material mereceu o devido registro em suportes áudio-visuais e escritos, a não ser que tais recursos interferissem na espontaneidade de entrevistas, conversas e situações, merecendo documentação posterior.

O material fotográfico obtido nas situações em que o cordel e seu entorno estava presente, bem como os personagens de histórias e entrevistas vivenciada colabora com a narrativa e confere apelo estético-visual à publicação. Há produção em formato digital e analógico, com o intuito de atingir uma maior diversidade de resultados e qualidades.

A importância de conferir a veracidade e exatidão das informações é fundamental para conferir legitimidade e relevância ao trabalho. A edição final levou em conta a importância das informações e o grau de imprevisibilidade e interesse humano das histórias captadas.

O texto trata das funções sociais que o gênero exerce e da visibilidade dentro e fora do Brasil em meio a histórias de poetas de cordel. O trabalho concentra entrevistas e descrições de personagens ligados a essa temática em Pernambuco e no Rio de Janeiro, onde há a feira de tradições nordestinas de São Cristóvão e a Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

A partir da definição de Adelmo Genro Filho de que “Jornalismo é uma forma de conhecimento cristalizada no singular” (GENRO FILHO: 1989) a narrativa sobre cada personagem e situação dilui as informações que a reportagem trará sobre o tema. O material fotográfico está separado do texto, constituindo narrativa própria. O texto segue uma narrativa não-linear e apresenta alguns personagens principais. São eles: Cristóvão, Dila, J. Borges, Olegarinho, Paulo Pereira, Erivaldo e Gonçalo, todos poetas cordelistas. A partir da história de vida de cada um, abordamos aspectos históricos e factuais da literatura de cordel, bem como do universo que a cerca, como

as temáticas e a xilogravura que ilustra as capas dos livretos.

O primeiro capítulo traz Erivaldo, cordelista e xilógrafo no Rio de Janeiro, a ausência de interesse sobre o cordel no Brasil, o gênero fora do Nordeste, o cordel como arte.

O segundo capítulo apresenta J. Borges, o mais viajado e conhecido internacionalmente, Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco. Além disso, ainda aparecem informações sobre o cordel do Brasil no exterior, a família de xilógrafos e o cordel como artesanato.

O terceiro capítulo é sobre Dila, um dos mais conhecidos cordelistas e xilógrafos da região, Patrimônio Vivo do Estado de Pernambuco. Também aparecem informações sobre a temática do cangaço, imaginação e folclore, cordel como meio de vida e xilogravuras.

O quarto capítulo apresenta Olegarinho, o museólogo do cordel, com informações do pai, Olegário Fernandes, cordelista-repórter, a nova geração, o gênero nas escolas e a tentativa de fazer a arte sobreviver ao tempo, a feira.

O quinto capítulo dedica-se a Paulo Pereira, o declamador. Trata do cordel na mente, o cordel como espetáculo deslocado das feiras.

O sexto capítulo traz Cristóvão, o mais antigo poeta dos que ainda estão na feira de Caruaru, o cordel científico, o despertar tardio para a arte.

Por fim, o sétimo capítulo é sobre Gonçalo, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, além de trazer três artistas considerados da nova geração e discorrer sobre a história da Academia.

1.2 A execução

A reportagem se iniciou no primeiro semestre de 2009 com escolha da literatura de cordel como tema a ser abordado sob a forma texto e fotografia. As práticas jornalísticas da grande reportagem e do perfil, bem como a fotografia são os fios condutores que tivemos em mente para guiar a narrativa que conta a vida de alguns cordelistas e do universo que os cerca.

Em agosto, visitamos a feira de tradições nordestinas de São Cristóvão para tentarmos um primeiro contato com esse gênero, famoso pela popularidade alcançada na região nordeste do Brasil. Lá chegando, no entanto, houve alguma dificuldade para

encontrar vendedores de cordel em meio a tantos outros que pareceram ter abandonado o tema para vender mercadorias importadas, alimentos e bebidas. Na visita em questão, foram localizadas apenas duas barracas que vendiam exclusivamente os folhetos, sendo uma delas de um xilógrafo chamado Erivaldo Ferreira. A partir de uma conversa com o artista, de suas referências e sugestões, decidimos viajar a Pernambuco para encontrar poetas, xilógrafos e outros artistas que fazem do cordel um gênero literário conhecido internacionalmente, e assim apurar a maior parte das histórias e informações que permeariam o texto final.

O exercício da reportagem está presente em todas as plataformas e pode ser considerado um dos principais fundamentos do jornalismo. Ao longo da faculdade, estudamos e praticamos os diferentes métodos de apuração, escrita e edição. Desde uma nota de jornal ao livro-reportagem, os conceitos obedecem a determinados padrões como o lide e a pirâmide invertida, mas esse é um momento em que podemos experimentar, como sugere o nome da disciplina, e procurar fugir desse condicionamento que adotamos geralmente para se ganhar tempo ou seguir a linha editorial de um determinado veículo. Assim, optamos pela construção de narrativas não-ficcionais que possam dar espaço à criatividade e a recursos estilísticos pouco adotados pela imprensa diária. Isso não significa que o compromisso com a veracidade dos acontecimentos possa ficar em segundo plano, pelo contrário: a exposição fiel dos fatos interessantes é que acaba por tornar interessante a história em si.

Como decidir então o que deve entrar na história a partir de um depoimento, diálogo, ou entrevista? Qual a relevância de determinada declaração que mereça fazer parte do texto final? Esses foram questionamentos que nos afligiram a partir das mais de dez horas de gravações, páginas de anotações e centenas de fotografias feitas em Pernambuco entre 20 e 29 de agosto desse ano.

Lá tivemos contato com cordelistas, termo adotado para se referir aos poetas que escrevem os folhetos, de várias idades, na casa dos 70 anos, como Cristóvão, Dila, J. Borges e Paulo Pereira, e de aproximadamente 40, caso de Olegário Filho e Hérlon Cavalcanti, que cresceram admirando os velhos. Fomos também apresentados a jovens poetas, de quase 20 anos, que prometem perpetuar o gênero e honrar as tradições. Artesãos, escultores e violeiros repentistas ajudaram a compor o cenário artístico que fez parte da viagem, marcada igualmente pela admiração dos próprios

habitantes de Recife, Olinda, Caruaru e Bezerros pela cultura local.

No entanto, o cordel parece ser a arte que ficou subvalorizada em meio aos bonecos de barro da região do Alto do Moura, em Caruaru, xilogravuras, rendas, camisetas e outras mercadorias presentes em feiras e centros culturais do Rio de Janeiro e de Pernambuco. Alguns poetas nem escrevem com frequência, em parte pela pouca renda que o trabalho passou a gerar com a chegada do rádio e da televisão. Ainda assim, é notório o esforço de homens como Hérlon e Olegário de fazer com que o cordel continue, ensinando-o em escolas e eventos. Justificável na esfera passional, o gênero também faz parte do gosto, ainda que inconsciente ou não-declarado, dos poetas da antiga, como Dila e J. Borges, por mais que o considerem exclusivamente um trabalho.

Ao entrevistar Dila, nos deparamos com uma questão recorrente em tentativas biográficas: a da lucidez. Ele nos recebeu em sua casa e começou a contar histórias do cangaço que estão em muitos de seus folhetos, mas muitas vezes se colocando dentro da narrativa como um parente de Lampião nascido em 1905. Para cada contra-argumentação nossa, ele tinha sempre uma resposta coerente e verossímil, por mais contrastante com a História que ela pudesse ser. Como separar devaneios ou mesmo anedotas de verdades de um senhor de mais de 70 anos sem ser indelicado ou desrespeitoso em sua própria casa? Pensamos ter de conviver com esse dilema até a conclusão do texto, mas felizmente conseguimos um novo encontro com o poeta em que ele se apresentou outra pessoa em relação à primeira visita. Respondendo a todas as perguntas com correção e serenidade, enquanto produzia uma xilogravura, ele apenas ameaçou contar novas histórias de sua imaginação com os personagens do cangaço e outros fictícios, mas prevaleceu a vontade de soar verdadeiro, acima de tudo. Agora, é inegável que tudo que ele contou sobre Lampião, seu bando e seus inimigos nos interessou e entreteve, assim como a qualquer pessoa que as ouvisse. A pergunta: de que forma essas histórias podem fazer parte do trabalho final? Partimos da idéia de que o jornalismo pode dar voz a todos, desde que de forma ética. Não as apresentaremos como verídicas, mas elas devem fazer parte do livro-reportagem para justamente desenhar o perfil de Dila por aquilo que ele diz, e não pelos juízos de valor que façamos a seu respeito.

A viagem começou por Recife, onde havia uma exposição fotográfica de Pierre Verger sobre Vitalino, artista precursor dos sertanejos de barro, em um centro

cultural privado, que ainda contava com uma biblioteca aberta ao público onde tivemos acesso a livros sobre o cordel e a arte e o folclore nordestinos. Visitamos também o Paço da Alfândega, local privatizado que funciona como *shopping center* e conta com algumas lojas de artesanato. No centro antigo, há a Embaixada dos Bonecos Gigantes, espaço particular que exhibe os exemplares que fazem sucesso no carnaval de Olinda e vende miniaturas personalizadas. Nos chamou a atenção o fato da iniciativa privada promover a cultura regional independentemente de incentivos governamentais, muitas vezes almejando também o lucro com a venda de lembranças e ingressos, mas em outras oferecendo acesso à informação e à cultura sem custos a turistas e moradores. Poderíamos pensar que somente a receita publicitária obtida com essas atrações gratuitas compensaria qualquer investimento inicial, mas olhando ao redor, em casas, mercados, vestuário e programas de televisão, por exemplo, a valorização das tradições como as artes plásticas, a música, a dança e o artesanato é bastante significativa.

Esse estranhamento em parte se deve ao lugar de onde estamos observando essa nova cultura. Apesar de se tratar do mesmo país, o Brasil concentra em suas metrópoles misturas e importação de costumes bem mais intensos, que por isso mesmo constituem a identidade desses lugares. Apesar do Rio de Janeiro ser uma cidade sob o estigma do carnaval, da praia e do futebol, a cultura de migrantes e imigrantes se disseminou e fez com que os rótulos perdessem sua força longe das campanhas televisivas. Ainda assim, consideramos legítimo observar essas contradições ao longo do relato por pretender algo com objetivo universal: fazer sentido a leitores do sudeste, mas tocar também em questões não percebidas pelos nordestinos por serem parte de hábitos ou costumes que dificilmente refletem a respeito.

A Casa da Cultura de Recife é uma cadeia desativada em cujas celas se vendem roupas e artefatos visando turistas e comerciantes que revendem muitas coisas em outras partes do país. Destino de nosso segundo dia de viagem, nos colocou em contato com as diferentes vertentes artísticas locais e nos permitiu um primeiro contato com artistas e o folclore que serve de temática para pinturas, roupas em renda manual, xilogravuras e esculturas em madeira e, principalmente, em barro, tradição iniciada por Vitalino no século passado. Os folhetos de literatura de cordel, estão presentes, já em modernos mostruários de plástico, em aproximadamente cinco lojas

das dezenas de outras espalhadas pelas alas e andares do antigo presídio. Vendidos a um e cinquenta em média, estão mais em conta em relação aos do Rio de Janeiro, a dois reais, mas caros quando se tem como referência aos vendidos na terra dos perfilados do trabalho, Caruaru, a um. Mesmo assim, quando presentes, dividem a atenção com outros objetos artesanais pela sua parca margem de lucro e rotatividade.

Como definiu Olegário Fernandes Filho, o público do cordel hoje divide-se entre estudantes, pesquisadores, jornalistas e turistas, todas as condições convergindo para nós, naquele momento. Mais do que questionar quem decreta o fim do gênero, como se faz há muitos anos, resultado de nossa apuração em jornais de décadas atrás, queremos expor, quiçá entender a paixão dos que lutam para renová-lo e ensiná-lo às gerações futuras. Mostrar como essa arte medieval se adaptou à modernidade, colocando o mundo contemporâneo em sua rima, métrica e oração.

Dessa busca, surgiu o primeiro cordelista com quem travamos diálogo, na famosa feira de Caruaru, imensidão de lojas, barracas e corredores, deserta somente aos domingos, com o autor Cristóvão, como ele mesmo define, de “cordel científico, regional e biográfico, conhecido em 43 países”. Iniciado no ofício apenas depois dos cinquenta anos de idade, ele enfatizava que não escreve mentiras, e que nem professores universitários eram capazes de desmentir qualquer um de seus versos. Essa espécie de orgulho refletia-se em seu temperamento e ele se aborrecia quando tinha a impressão de que não acreditávamos no que dizia ou não compraríamos nenhum de seus poemas. Em outra ocasião, ofereceu uma fotocópia de um documento referente ao cangaceiro Antônio Silvino por um preço exorbitante para algo que segundo ele se encontra disponível à visita pública na Casa Rui Barbosa, do Rio de Janeiro. O reconhecimento internacional do qual se gaba está devidamente demonstrado em recortes de jornal e correspondências estrangeiras afixadas na parede de seu estabelecimento. Futuramente, descobrimos que Cristóvão enfrenta depressão causada por problemas particulares e, mesmo com as tentativas e incentivos de amigos cordelistas, não volta a escrever ou participa de eventos e declamações.

A vida social dos cordelistas está na boca de Olegarinho. Aspirante a presidente da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, cargo hoje ocupado por Hérlon Cavalcanti, ele vive dos rendimentos de um sebo-papelaria na feira de Caruaru, que em outro cômodo está o Museu do Cordel Olegário Fernandes, nome do pai, famoso por ser o cordelista-repórter que levava aos habitantes da cidade os

acontecimentos do mundo que acompanhava pela imprensa. Ali também vende folhetos e pode-se encontrar todos os tipos, inclusive aqueles desaconselháveis a menores de idade, dos quais ele não gosta tanto. Dentre as divisões temáticas do cordel, há espaço para histórias de amor, vingança, fábulas, fatos verídicos, campanhas e gracejos (humorísticos), estes os mais vendidos segundo Olegarinho. Por uma indicação dele, chegamos ao mestre Dila, Patrimônio Cultural Vivo de Caruaru, contador de história literalmente fantásticas e personagem fundamental da narrativa.

Dila vive com sua mulher em uma casa próxima ao centro da cidade e recebe a todos que desejam visitá-lo com imensa hospitalidade. Logo conduz os interessados a seu ateliê, que também funciona como um quarto. Sem mesmo ser perguntado, ele conta acontecimentos ligados ao cangaço e abre espaço para que personagens históricos como Adolf Hitler e Getúlio Vargas entrem no enredo. Tem centenas de cordéis publicados e inúmeras xilogravuras que ilustraram suas capas ou são vendidas a colecionadores e turistas e vê nessas artes apenas um meio de subsistir. No entanto, concluímos que o prazer estético de suas criações fala inconscientemente à vontade de artistas como esse na hora de optar por um ofício e seguir uma carreira. Ele recebe uma pensão do governo por suas contribuições à cultura regional e nacional, mas mesmo assim continua em plena atividade.

Em mais uma visita ao museu do cordel, fomos apresentados a Paulo Pereira, outro personagem absolutamente interessante e, como a maioria dos cordelistas entrevistados, não possuía instrução formal avançada. Paulo mal sabe ler e escrever. Em contrapartida é autor de poemas de rara sabedoria e de elevado grau de informação, como um que menciona duas centenas de espécies de pássaros existentes nas matas brasileiras. Ainda por cima, diz não ter escrito a maioria de seus cordéis, tendo decorado quase todos eles. O ato de registrá-los cabe a seus parceiros. Trata-se de um declamador nato. Ele ainda conhece as melodias dos diferentes ritmos musicais nordestinos e é capaz de entoar sua poesia de acordo com a carga dramática que ela contenha. É parceiro de Olegarinho nas feiras e eventos que ainda convidam esses artistas para se apresentar.

A renda obtida com o cachê das performances é o que mais interessa economicamente a quem não abandonou a arte, como Paulo e Olegário. Há quem escreva e não declame. Quem faça apenas as xilogravuras, ou apenas cante os cordéis de outros. No entanto, junto da rima e da métrica, a oração da poesia tradicionalmente

faz parte desse gênero, dada à parca margem de habitantes alfabetizados que consumia as histórias, que eram transmitidas de forma oral pelos declamadores ou habitantes da casa que sabiam ler. Os cordéis medievais europeus ainda contavam com símbolos e figuras para facilitar o entendimento pelo povo e teciam, como ocorre até hoje, críticas e sátiras ao poder e às personalidades da época e ocorriam em grande quantidade na forma de folhas soltas. As iluminogravuras de Ariano Suassuna resgatam em parte essa tradição, mas contam com temáticas presentes na vida do sertanejo. Tornou-se comum a prática de contratar cordelistas, violeiros e emboladores para realizar campanhas políticas e animar festas como casamentos e aniversários. Encontramos Paulo em mais uma ocasião, momentos antes de partirmos de Caruaru de volta a Recife. Paulo declamava seus poemas no Museu do Cordel em companhia de Olegarinho para alunos jovens e adultos, gravando para a televisão. Chamou-nos a atenção que, mesmo tendo despertado o interesse das dezenas de pessoas presentes, poucos folhetos foram vendidos, confirmando a alternativa dos cachês e apresentações serem a principal fonte de renda da tradição.

Há os que se permitam escrever quase exclusivamente por encomenda, o que hoje é o caso do renomado José Francisco Borges, morador do município de Bezerros, a alguns minutos de Caruaru. J. Borges, como é conhecido, ainda conta com um memorial construído ao lado de sua casa onde expõe suas xilogravuras e parte de sua obra poética, mas onde também imprime e trabalha em novas criações. Se assim podemos chamar, ele pode ser considerado a estrela internacional do cordel e da gravura em madeira, por já ter poemas traduzidos e exposições no exterior. Tivemos inclusive dificuldade no acesso a ele, por parte de sua esposa, sob o pretexto de preservá-lo. Na verdade, J. Borges já parece um homem cansado de entrevistas e pesquisas sobre o cordel, mesmo quando os interessados vêm de outros estados para encontrá-lo. A idéia para este trabalho surgiu inclusive de uma reportagem feita pelo jornalista americano Larry Rother para o The New York Times sobre essa literatura no país. Larry, correspondente no Brasil para o estrangeiro, também se questionou à época sobre quais os motivos de homens sem aparente incentivo ou bagagem intelectual dedicar a vida à arte. No caso de J. Borges, parece ser um caso raro de entendimento sobre as dimensões do que aquilo que faz pode atingir. Ele figura em reportagens antigas que já anunciavam o fim do cordel, o que já ocorre “desde a década de 20”, segundo o próprio. Em contrapartida aos cordelistas que vêm no

cordel um trabalho exclusivamente, ele o enxerga como uma arte de poucos praticantes, mas de imenso potencial de retorno financeiro. As duas oportunidades que tivemos de entrevistá-lo ocorreram meio ao acaso já que, após termos sido dispensados por sua mulher no primeiro dia e marcado o horário para a visita futura, o encontramos num bar com a família perguntando à única pessoa que estava em sua casa no dia combinado. Nesse bar houve uma conversa descontraída, mas tendo de levar a mulher que estava em casa ao médico, marcou conosco uma conversa mais tarde. No horário combinado, no entanto, não o encontraríamos em casa novamente se por sorte não reconhecêssemos seu carro parado em frente à casa do xilógrafo Givanildo e lá houvesse se dado a entrevista, perceptivelmente a contragosto da mulher, que perguntava a todo momento se já havíamos terminado. Por fim ela foi embora e pudemos entrevistá-lo com mais naturalidade e fazer as fotos.

A parte fotográfica do trabalho foi algo com que tivemos preocupação especial devido às propriedades do ato de fotografar em si visando um resultado interessante sem ser invasivo ou constrangedor ao perfilado. O fato de sermos dois ajudou consideravelmente, pois enquanto um conduzia a entrevista, o outro cuidava do registro áudio-visual. Tomávamos sempre o cuidado de gravar as conversas em mais de um gravador, para consulta e checagem junto às anotações das falas mais importantes e interessantes.

A produção de fotografia deu-se em meio analógico e digital e ofereceu ao final maior diversidade e qualidade de resultados. O formato eletrônico foi importante principalmente no caso dos registros em que haviam pouca luz, pois podia-se regular a câmera para sensibilidades que iam de 100 a 1600 ISO sem perda considerável de qualidade nas imagens, além da possibilidade do uso do flash externo. Em ambientes melhor iluminados, foi possível o registro em filme preto-e-branco e colorido das conversas, retratos dos artistas, xilogravuras, cordéis e esculturas, além dos ambientes visitados. Para o trabalho final, houve o processo de edição do material e posterior ampliação para montarmos uma exposição no período de defesa em banca examinadora. Estas imagens contarão com os retratos dos cordelistas, momentos de declamação, execução de xilogravura por Dila, além dos objetos de arte que fizeram parte de nossas atividades de campo.

Nenhum cordelista ofereceu objeção a ser fotografado, o que contribuiu para que o exercício do retrato ocorresse no sentido de captar a personalidade de cada

artista. Olegarinho, simpático e descontraído. Dila, aéreo e generoso. Paulo Pereira, sério e sisudo como sertanejo que é, mas muito engraçado pessoalmente. J. Borges, cansado e bonachão. Gonçalo a princípio sério, mas pedindo para evitar seus chinelos. Erivaldo que foi o único a posar desviando o olhar da lente. Não houve oportunidade de fazer Cristóvão posar, pois encontramos sua banca aberta em apenas uma ocasião.

O equipamento era constituído de uma câmera digital Nikon modelo D200 que contava com uma objetiva modelo Nikkor DX *zoom* 18-135mm, de abertura f:3.5-5.6 e um flash SB 900, do mesmo fabricante. A parte analógica dispunha de uma câmera Minolta modelo Alfa 5xi e objetiva Sigma *zoom* 35-80mm, f:4-5.6, usada na maior parte das vezes devido aos ambientes pouco espaçosos onde aconteceram os encontros, e outra 70-200mm, de mesmo diafragma. Os filmes PB foram Ilford FP5 400 ISO e Kodak T-Max 400 ISO. Os coloridos foram Fuji Superia 100 e 200 ISO.

Todo conhecimento fotográfico adquirido ao longo do curso foi determinante para a captação e seleção das fotografias, tanto na parte técnica quanto teórica. Como precisávamos fazer os registros simultaneamente ao momento em que as conversas aconteciam, pouco pudemos dedicar à produção do que se refere ao entorno do retrato, como o cenário o figurino e a iluminação. Na maior parte dos casos, optamos pelo máximo aproveitamento da luz natural, que na maioria das vezes entrava por janelas e portas, e pedíamos que o entrevistado se posicionasse de determinada maneira em relação a ela, para podermos iluminar o rosto e o corpo do fotografado da maneira desejada. Como a produção no suporte filme carece de preparação do ambiente para que não se desperdicem os fotogramas, pensados em forma de síntese do que é a proposta do ensaio, houve repetição de momentos verificados no suporte digital, para assegurar a qualidade documental e não instantânea da película fotográfica. O “momento decisivo” teorizado por Henri Cartier-Bresson, que diz respeito ao melhor momento de capturar uma imagem, de acordo com sua composição e enquadramento, foi levado em conta em especial na hora de selecionar as imagens, também de acordo com a estética e informação de cada uma.

Também tivemos a preocupação de conhecer o universo cultural em que os cordelistas estavam inseridos e visitamos o Alto do Moura, bairro de Caruaru famoso por concentrar principalmente escultores de bonecos de barro “vitalínicos”. A princípio visitando o Museu de Vitalino, casa que conseguiu comprar com a renda de sua arte e que hoje abriga fotografias, objetos pessoais e que serve de loja para as

peças feitas por seus filhos e netos, inspiradas e semelhantes às criações do mestre.

Nessa região, chama a atenção um outro museu, menos badalado é verdade, mas repleto de criações interessantes e pouco convencionais comparadas aos bois e sertanejos de barro das outras lojas do Alto do Moura. São as esculturas surrealistas de Manoel Galdino de Freitas, ou Mestre Galdino, que retratam animais e figuras humanas, fusões entre eles, distorção das proporções, ou seres inexistentes concebidos em barro pela imaginação do artista. Também registramos escultores em seu processo produtivo e pudemos compreender as etapas de fabricação dos bonecos.

No último dia em Caruaru, como ocorre todos os sábados, houve um encontro de poetas no museu do cordel, com a presença de Olegarinho, Paulo Pereira e o presidente da Academia Caruaruense de Literatura de Cordel, Hérlon Cavalcanti. Na ocasião, alunos de escola entre jovens e adultos assistiam a tudo e uma equipe de TV produzia uma reportagem em homenagem ao Mestre Dila, já que Hérlon acabara de lançar um livro com centenas de xilogravuras e uma pequena biografia do artista, frisando que queria valorizá-lo ainda em vida.

Olegarinho é outro que sonha em dirigir a Academia, mas entrega que a classe é pouco unida e alguns consideram os outros poetas como concorrentes. Ainda houve tempo de presenciar uma apresentação de violeiros e conhecer Severino, filho do Mestre Vitalino, que também é escultor.

De volta a Recife, encontramos uma dupla de violeiros errantes na orla de Boa Viagem praticamente pedindo esmolas como advertiram Olegarinho e Paulo Pereira sobre os que ainda evitam apresentações contratadas.

Na volta ao Rio, entramos em contato com a Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Entrevistamos o presidente Gonçalo Ferreira da Silva e fomos conhecer o local. Também estivemos presentes em um encontro de cordelistas considerados da nova geração e completamos o ciclo da reportagem com Erivaldo, que participava dessa conversa e estava mais otimista em relação ao futuro do gênero, comparado a nosso primeiro contato na feira de São Crstóvão. Assim como o cordel, seus autores também se modificam para tornar esse tipo de arte numa literatura pulsante e viva por ser mutável.

2.

Os homens da literatura viva

Larissa Oliveira Linder
Thiago Prado Neris

Sumário

1. A peje de Erivaldo contra o povo brasileiro. 18
2. A história do matuto que ficou conhecido até nos Estados Unidos.

20

3. Lampião vive. 25
4. A triste batalha de Olegarinho contra o demônio do tempo.

30

5. A discussão da memória com o papel e a caneta. 39

6. O sertanejo que desafiou a universidade. 45

7. O menino de rua que virou presidente. 48

A pejeja de Erivaldo contra o povo brasileiro

Barulho. Um barulho ensurdecedor de forró é a primeira coisa percebida ao se passar pelos portões. Fumaça e cheiro de fritura surgem em seguida. Entre as barracas que oferecem cerveja, churrasquinho, discos e eletrônicos, além de vendedores ambulantes equilibrando na cabeça bóias com formatos que vão de avião a power rangers, há um marco central na feira de tradições nordestinas de São Cristóvão com algo realmente *mais tradicional*. São lojas de rendas e redes, algum artesanato e duas barracas de madeira disputando a atenção dos fregueses com um cinema improvisado de cadeiras de plástico e televisão, a passar câmeras-escondidas de Sílvio Santos. Nesses pequenos estandes há livretos menores que gibis da Mônica, pendurados por pregadores de roupa em fios amarrados nas arestas das bancas, e outra porção deles espalhada sobre os mostruários.

Um homem de aparentes 80 anos se aproxima de possíveis compradores e assente quando desejam retirar um dos folhetos para examinar o conteúdo. À medida que os clientes vão se interessando, o velho se anima e começa a despregar mais e mais exemplares para oferecer, exaltando uns e outros com gestos e palavras quase incompreensíveis. Mal acredita quando a quantidade a ser comprada passa dos nove. Ele se emociona e oferece um ou dois de graça. Parece ter ganhado o dia como há muito não fazia. Ao que tudo indica, esse é o público remanescente da literatura de cordel: turistas, estudantes, acadêmicos, pesquisadores e jornalistas.

Na outra barraca, um homem mais jovem, aparentemente aos 35, mexe em seus livretos no tabuleiro e em desenhos em preto-e-branco pendurados nas armações. Sem dizer coisa alguma, arruma metodicamente os exemplares à medida que a clientela os retira para ler e os devolve quando não despertam emoção ou interesse. Ele começa a cortar uma placa de madeira com um estilete. Não muito maior que os livretos, a placa possui desenhos que lembram as figuras ilustrativas das capas dos cordéis ali vendidos. Há imagens maiores, em papel, penduradas no espaço. Algumas matrizes em madeira também estão ali, pintadas com tinta preta para realçar as áreas em alto-relevo que terão contato com a superfície a ser impressa. O nome do homem desta banca é Erivaldo Ferreira, um dos poucos a perpetuar a xilogravura que ilustra as temáticas do gênero literário em toda a feira.

Ele, porém, tem noção das dimensões de sua arte mundo afora. Sua fisionomia se modifica e as veias lhe surgem nas têmporas quando fala do desprezo dos brasileiros pela própria cultura e como os estrangeiros se aproveitam disso. Como aquilo que por aqui se considera algo menor é reverenciado na Europa, está em museus internacionais. Muitos dos cordéis dos quais sobrevive possuem suas xilogravuras estampadas na capa seguidas da assinatura “Erivaldo”, sem sobrenome.

Filho de cordelista, foi incentivado a prosseguir por um amigo do pai, que o viu esboçando desenhos de plantas e animais em um papel. Seu nome, José Francisco

Borges, poeta e xilógrafo conhecido mundialmente. Foi ele quem lhe ensinou os fundamentos da arte de entalhar a madeira para criar matrizes de impressão em papel ou outras superfícies. Hoje, suas criações dividem o espaço do mostruário com poemas e ilustrações do próprio J. Borges, como é conhecido. No entanto, não consegue encontrar os textos de sua autoria no tabuleiro de cordéis. Está um pouco nervoso com as perguntas dos dois fregueses. Ao encontrar um canal de comunicação, parece desabafar injustiças sofridas pelos artistas ao longo da carreira, e fala bastante.

Do rosto da poesia
eu tirei o santo véu
e pedi licença a ela
para tirar o chapéu
e escrever a chegada
da prostituta no céu

A história do matuto que ficou conhecido até nos Estados Unidos

Os olhos apontam desconfiados por trás das lentes grossas. Um permanente ar de cansaço é interrompido raras vezes por risadas frouxas. Os traços ainda firmes e a fala vigorosa escondem os 74 anos de vida, só revelados pela coluna encurvada e por uma bengala que o acompanha todo. José Francisco Borges, ou J. Borges, um dos ídolos de Erivaldo, está em atividade há 53 anos, publicou 267 folhetos, construiu um memorial a sua arte ao lado da casa onde mora e perdeu a conta de quantas exposições e palestras fez pelo mundo.

A cerca de 100 km da capital pernambucana fica Bezerros, uma cidade com mais de 57 mil habitantes no agreste nordestino, onde mora J. Borges. Da rodovia que corta a cidade vê-se escrito em um extenso muro branco onde figuram negras criaturas fantásticas: “Memorial J. Borges. Xilogravura e cordel sob encomenda”.

Ruas de terra contornam o terreno. Por trás dos muros, surge um pequeno prédio de dois pavimentos, onde funciona o ateliê e o memorial. Ali recebe clientes, turistas e visitas de escolas. Ao lado, fica a casa, simples sem ser humilde. Um gol vermelho ocupa a garagem.

Quem chegar lá depois das 17h e tocar a campainha, tenha vindo de longe ou de perto, corre o risco de encontrar com a segunda esposa e uma negativa.

– Já passou do horário, ele não atende. Mas pode voltar amanhã.

Voltar dentro do horário combinado, entretanto, não é garantia de encontrar o artista disponível para conversa; ainda são necessários alguns malabarismos.

– Ele é um pouco doente, depois que teve o problema da perna se recolhe mais cedo, mesmo – diz a nora Mônica, que reside em uma pequena casa próxima com estampas de xilogravuras nos azulejos da fachada.

Para quem já figurou, por conta de sua arte, no *The New York Times*, já viajou para França mais de uma vez, inclusive a convite do Ministério da Cultura, para Alemanha, Suíça, Estados Unidos, e fez exposições dentro e fora Brasil, as entrevistas já parecem não soar tão interessantes. E as exigências aumentaram. Na

última palestra que proferiu no Rio de Janeiro, J. Borges recomendou à organização que ficasse num hotel na orla de Copacabana já conhecido por ele, mas decepcionou-se quando foi alocado num quarto que não dava para o mar, embora garanta não gostar de luxo.

[PP1] Comentário: confuso

Quando se fala sobre sua entrevista a Larry Rother, do jornal norte-americano, dá uma risada rápida e diz:

– Ah, quem escreveu foi aquele que chamou o Lula de cachaceiro, né? Lula era tomador de aguardente. E tinha cara... E realmente tem, mas tem que tomar para governar a nação – bebe um gole de cerveja e comenta seus conhecimentos sobre os Estados Unidos.

Sentado em um pequeno bar próximo de sua casa, ele fala sobre os países que já visitou. Mas discorre com mais propriedade sobre os botequins da região. Havia ido a um outro na semana anterior no qual lhe roubaram na hora do pagamento. Não foi mais. Prefere o do Portuga, onde está. Ele ainda conta, estimulado por sua nora, que recebe muitas visitas, de pessoas de todos os lugares do mundo. Recentemente, vieram quatro da Irlanda do Norte. Mas já o visitaram pessoas do Japão, Itália e Estados Unidos, por exemplo. Apenas sergipanos e espanhóis nunca tinha visto até uns meses antes, quando enfim o visitou um sergipano que morava na Espanha e quitou o débito dos dois lugares.

O poeta já deu aulas num colégio em Laranjeiras, bairro do Rio de Janeiro. Mas não tem boas recordações.

– Alunada chata que não sabe de nada. Mas tem que ter paciência – diz em tom jocoso.

Sua vida acadêmica gira em torno de ensinar a técnica do cordel e da xilogravura. Das recordações memoráveis, cita que em 2008 foi à cidade de Niterói dar uma palestra na Universidade Federal Fluminense a convite de um professor. Antecedido pelo músico Gilberto Gil, assustou-se não com a figura do então ministro da Cultura, mas com a intensidade das vaias que Gil recebeu.

– Era época de greve e chegou pessoal de associação, sindicato de estudantes e professores. Foi a vaia maior do mundo. A platéia pediu: “cante uma música para nós”, e ele respondeu: “se tiver um violão eu canto.” Cantou duas músicas e saiu todo alegre.

O ministro tinha conseguido diminuir a antipatia da platéia. J. Borges, ao entrar, fez dois pedidos encarecidos ao auditório cheio: “Quero que vocês perdoem minha linguagem nordestina, do cordel, que nada tem com ciência, e se não entenderem, que perdoem. Se vaiarem, que seja só dez por cento do que vaiaram o ministro. Eu não agüento tudo aquilo!”

– Foi meia hora de palma, assovio e grito. Muito elogio, muita palma. Duas horas de palestra, em vez de uma, como estava previsto.

No outro dia foi a vez de se apresentar o escritor e hoje Secretário de Cultura de Recife, Ariano Suassuna, que ao ver o amigo alegrou-se.

– Borges, você está aqui?

– A minha palestra foi ontem, mais importante – caçou o artista.

Suassuna mencionou o cordelista em sua fala. Na ocasião, J. Borges vendeu muitas gravuras. Chegou numa segunda e voltou sábado, numa semana na qual comera como nunca. Em seu último dia, saiu de onde estava hospedado para ir ao Rio de Janeiro às 8h da manhã e voltou às 15h. Visitou o Cristo Redentor, a Lagoa Rodrigo de Freitas, os bairros de Botafogo, Laranjeiras e Santa Teresa. Ao final da tarde, dirigiu-se ao aeroporto para voltar a Recife.

– Chovia torrencialmente, era relâmpago e trovão. O aeroporto de São Paulo também

[PP2] Comentário: vcs têm certeza que Ariano ainda é secretário? Checar.

estava fechado. Embarcamos só às 22h, em vez de 20h. O avião embala mais na pista lisa, a muitos quilômetros horários. E eu: “voa, voa, voa!” Se ele deslizesse, não se apurava mais. “Decola! Decola!” A mulher falou: “está ficando doido?”. Até que ele decolou e eu fiquei aliviado, pois não tinha mais como cair dentro do mar, bater num prédio – pára e saúda um conhecido que passava na rua, chamando-o de “Mafioso”.

– Se esse aí é mafioso, então não existe mais máfia no mundo, responde Português, o dono do bar.

J. Borges sabe a distância de Recife a São Paulo e Rio de Janeiro pela terra e pelo ar. Viajou muito aos dois lugares de ônibus, o que representava mais de 44 horas de estrada. Isso foi nos anos 1970 e 80. Depois da fama, aumentaram suas idas para São Paulo e Brasília, mas passou a receber de graça passagens de avião de quem o convidava.

Apesar de cosmopolita, o artista gosta mesmo é das raízes, de morar em Bezerros, no agreste. Ivan, seu filho, elogia a região, que tem como atrativos algumas cachoeiras. Apreciam muito os momentos de lazer, seja em casa aos domingos, seja em um forró de beira de estrada voltando das muitas viagens do patriarca. Possuem um sítio onde hoje fica o município vizinho de Sairé. J. Borges diz que o prefeito cedeu muito de Bezerros nessa emancipação.

– Tomaram as cerâmicas da beira do rio, que rendiam bem. Pegaram também a área da fruta e do café, Bezerros ficou só com a caatinga.

Passa outro conhecido na rua. É Dinho da Roda. Quando há festas, como Natal e Ano-Novo, ele monta sua mesa com alvos e vende arremessos de argolas que podem render prêmios em dinheiro. O que o público não sabe é que só algumas entram nos alvos, pois têm tamanhos diferentes. Dinho da Roda então as fica balançando nos braços para os jogadores não perceberem. Brinca com a situação e bebe um litro de uísque escondido sob da mesa. Há outro dono de jogo, de quem J. Borges conta histórias de trambiques, chamado de Paulo da Roda.

– Mas o senhor gosta mesmo é de um baralhinho – diz Mônica.

O sogro não nega o gosto pela boemia. Conhece todos os botecos do entorno e sabe quem trapaceia também nos negócios.

– No bar do Tonha, fui uma vez e havia quatro mesas cheias de vagabundos do pior tipo que existe daquela região. Só tem dois bares que gosto de frequentar, porque é ambiente familiar e tem preço justo. Um amigo certa vez o explorou e ele passou uns dois anos sem ir lá.

– Era Zé do Nunes, em Serra dos Bois na Paraíba. Duas cervejas, um quarto de montilla, uma coca litro e os meninos pediram dois salgadinhos, coisa de 15 e ele cobrou 39, eu nunca mais eu volto lá.

– Agora tem notinha. Mas mesmo assim, quem bebe no outro dia lembra tudinho – diz Mônica.

– Eu nunca fico bêbado – diz J. Borges.

– Mas fica ligado?

– Não... Para começar, eu nem ressaca tenho. Eu posso começar a beber agora e terminar 4 da manhã. Se eu dormir meia hora, eu acordo bonzinho.

Bebe mais cerveja e o celular toca: a esposa o espera para levá-la ao médico. Pergunta onde ele está e J. Borges diz “no carro”.

– Vocês podem me encontrar mais tarde – diz entrando no automóvel.

Mesmo bem mais nova, Nena parece ser a única pessoa capaz de dar ordens ao velho.

Mônica e Ivan continuam comentando sua figura.

– Você é igualzinho. Diz que já vai e só está terminando uma cerveja, mas que cerveja é essa! Esse dirige para cima e para baixo, nem parece que tem... 74?

– Vai fazer – corrige Ivan –. E olhe que tem safena, problema no osso da perna, fez duas cirurgias.

– Costuma dizer: "com as ferragens que eu tenho na perna dava pra fazer um andaime."

– Mas só saiu porque a mulher botou pressão, mesmo.

Pagam a Português e entram no carro. Ao som de Zezé Di Camargo e Luciano, voltam para casa para almoçar e recomeçar o trabalho. Ora Ivan produz no ateliê do irmão Manassés, ora ajuda com o memorial do pai. Mônica auxilia o marido a preparar e embalar as xilogravuras que ele faz para vender nas feiras pelo Brasil. Ela fica cuidando dos filhos e da casa e não viaja junto, mas sonha em realizar algumas aventuras como o sogro.

– Ainda vou conhecer Estados Unidos, Suíça. Quem dera.

A vida antes da arte foi bastante sofrida para J. Borges. Nasceu em Cumaru, município próximo a Bezerros. A mãe fazia bonecas para vender. O pai, agricultor, lia cordéis em casa à noite para informar e entreter os 17 filhos. Foi por meio dos folhetos que o poeta aprendeu a ler e a conhecer a cultura do nordeste. Contudo, seus primeiros trabalhos foram ajudando o pai na lavoura e como vendedor ambulante. Só por volta dos 20 anos escreveu seu primeiro cordel.

– A região era muito sofrida e era uma forma de ganhar dinheiro – diz.

Como não sabia fazer xilogravuras para ilustrar as capas, encomendou-a ao xilógrafo Dila. Depois, dominou a técnica e já a partir do segundo cordel passou a ilustrá-las. Dila conta que J. Borges aprendeu a técnica com ele. Já o outro alega que aprendeu sozinho e rebate:

– Dila é maluco. Já foi internado até.

No entanto, longe dali, seu filho Ivan confessa o carinho que o pai tem pelo velho.

– Pai gosta demais de Dila, que é muito generoso. Você chega para comprar uma coisinha e ela dá tudo.

Quanto ao texto, J. Borges pensa de maneira semelhante:

– Não se aprende com ninguém, se aprende lendo.

O poeta, que freqüentou a escola por apenas dez meses, considera-se um artista popular. Com o tempo, envolvia todos os filhos na confecção dos cordéis.

– Ficávamos até de madrugada ajudando a imprimir na impressora manual os folhetos de pai – diz Ivan.

Hoje, boa parte dos filhos continua o trabalho do pai na área de xilogravura. Dois trabalham em um ateliê em Bezerros, que fora originalmente de J. Borges. São Ivan e Manassés. Ambos vendem xilogravuras estampadas em papel, azulejos, camisetas, vestidos ou a própria matriz da qual são feitas as impressões dos desenhos. Utilizam muito a madeira industrial, ou MDF, mais barata e fácil de cortar. Colecionadores, no entanto, exigem madeira tradicional, como a umburana e o pinho e pagam por isso. Cada um tem sua casa, ainda que simples, seu carro e não reclama dos ganhos. Viajam pelo país para vender em feiras de artesanato.

– Cada um tem um traço diferente, né? As xilos de Ivan vendem mais porque o povo gosta bastante dos traços dos desenhos dele – diz a esposa Mônica. Ela conta que Manassés tentara baixar os preços de suas peças para aumentar a competitividade,

mas as pessoas preferem pagar mais caro pelas do marido.

Moisés, filho adotivo de J. Borges, também trabalha com xilogravura, mas em um ateliê separado. Há ainda um sobrinho que exerce a função, Givanildo, e alguns netos iniciando a caminhada no mesmo sentido.

Para vender mais nas feiras, quando começou, J. Borges também declamava. Contudo, para passar de um cordelista e xilógrafo para um artista conhecido fora de Pernambuco precisou ir além.

– Foi Ariano Suassuna quem divulgou meus cordéis.

Em uma edição do Jornal do Brasil, entretanto, datada de 6 de abril de 1974, aparece uma carta enviada por J. Borges ao escritor Vicente Salles, à época redator-chefe da Revista Brasileira de Folclore, no Rio, pela qual pedia ajuda para divulgar seus folhetos “para comprar tipos para funcionar o meu prelo manual”. Ele ainda disse: “Faço-lhe envio destes pequenos trabalhos de minha fraca imaginação e peço-lhe desculpas pelo atrevimento de interrompê-lo (*sic*) com isto”. Borges também se desculpa por ser “matuto sem cultura” e pede um exemplar da Revista Brasileira de Folclore, acrescentando que gostaria de ser divulgado por meio dela.

Hoje, é reverenciado no meio artístico e em vários países. No entanto, o gosto pelo povo admirador de sua arte, faz com que não abandone sua terra e tradições.

[PP3] Comentário: quem é?

[PP4] Comentário: ?????

Horas me vi obrigado
o que o destina a mim deu
nunca perdi nos meus campos
que todo o trigo rendeu
o tudo que tenho de rima
Deus e Apolo concedeu

Lampião vive

Dila pouco estudou, mas é um velho sagaz e muito imaginativo. Diz que é de 1905 e foi obrigado a mudar de nome para evitar a perseguição política aos remanescentes do bando de Lampião. Seu pai também é pai do próprio rei do cangaço. Adolf Hitler é paraibano de Ameixa e a caminho do México morreu, diferentemente do sócia encontrado morto em Berlim. Outro nordestino ilustre? Getúlio Vargas, irmão de Ernesto Geisel e Garrastazu Médici.

O poeta conheceu o precursor dos sertanejos de barro Vitalino e sua sina de artista reconhecido somente no *post mortem*. Porém, ainda que goze de algum prestígio no meio cultural, Dila diz que a placa na frente de sua casa, a qual anuncia sua arte e conta com um retrato seu, foi posta com dinheiro da prefeitura, por iniciativa de um rapaz da Casa de Cultura e apoio da Fundação de Cultura e Turismo da Prefeitura de Caruaru. Nela, lê-se: “Ateliê do Mestre Dila. Cordelista e Xilógrafo. Realização de palestras. Oficinas de xilogravuras. Confecção de cordéis”.

Dila mora nesse pequeno sobrado desde 1963 para quem quiser visitá-lo e comprar alguns cordéis ou xilogravuras. Fica ao lado do Pátio do Forró, no centro de Caruaru, onde ocorre “O Maior São João do Mundo”, segundo o luminoso e alguns folhetos turísticos. Ele mora com a esposa, Valdeci. Tímida para fotos, mas cuidadosa e acolhedora, ela pede que vista uma camisa para receber as visitas. Em seguida, Dila se apresenta e sobe por uma escada íngreme, que só pode ser vencida com o corpo de lado e com o auxílio do corrimão, ao seu ateliê. Ao lado de uma cama, onde dorme seu filho, está uma antiga impressora manual de livretos. No fim do cômodo surge uma mesa iluminada apenas pela luz da janela em frente. Pelas paredes desenham-se manchas de mofo. É onde o mestre de 72 anos escreve e entalha seus clichês, nome dado pelos nordestinos a xilogravuras, antes desta palavra ter sido trazida por pessoas de fora. Ao entardecer, sua visão já não permite realizar o trabalho com a qualidade de quando era mais jovem.e então cessa a tarefa.

– J. Borges não atendeu não? Pois chegou aqui eu atendo – diz.

Dila e J. Borges. Ambos são cordelistas e xilógrafos pernambucanos, mas têm personalidades completamente opostas. Os dois recebem uma pensão vitalícia do Governo de Pernambuco de dois salários mínimos, por serem considerados Patrimônio Vivo, uma homenagem referente ao legado de suas obras para a cultura local. Cerca de 20 artistas recebem o auxílio no estado.

O estilo das xilogravuras de Dila, como conta o próprio, era dom de seu pai.
– Se eu tivesse estudado, tinha quebrado.

[PP5] Comentário: Dila não deveria se seguir a J. Borges?

O estudo atrapalharia seu trabalho de cordelista e xilogravurista, na visão de Dila. A prática em desenhar o levou a trabalhar com ilustrações publicitárias para os jornais A Vanguarda e Jornal do Agreste. Mas, tendo chegado a pesar 130 kg entre outras complicações, sofreu três derrames e aposentou-se por invalidez. A velhice o fez reduzir o ritmo de trabalho em duas a três xilogravuras por dia, enquanto no auge da forma produzia cinco ou seis.

Mas o trabalho não parou. Explica que tudo que quer escurecer na impressão, deixa em alto-relevo na madeira, ou seja, não corta. Toda área que se vê sem cor no papel foi retirada por um estilete ou ferramenta de cavar. Apesar de todo o reconhecimento que o governo, os colecionadores e o mundo das artes imputa a seus cordéis e xilogravuras, considera o ofício apenas uma forma de ganhar a vida, e não uma arte. Trabalho este que nenhum dos seis filhos quis aprender. Dila tem ainda 13 netos e 12 bisnetos, idade dos alunos a quem ensina anualmente a técnica da xilo em colégios da região.

– Os bichinho acha bom.

O pinho é a madeira mais utilizada atualmente por ele por sua facilidade de corte. A preferida, umburana, já não é encontrada com facilidade. A criatividade de Dila introduziu ainda a borracha vulcanizada, ou linóide, como superfície a ser trabalhada e assim se tornou o precursor da linogravura, mais fácil de ser talhada que a própria madeira.

Nunca pensou em mudar de profissão e entre os poemas, linos e xilos que fez já perdeu as contas. Só de cordéis lhe são atribuídos mais de duzentos, inclusive os feitos por encomenda, como os que contam a história do casal em vias de matrimônio.

Toda vida viveu para o trabalho, e também diz não beber e não gostar de futebol. É muito religioso, como anunciam as imagens penduradas em seu ateliê, mas de um sincretismo que permite a crença nos signos do zodíaco e nos sinais dos sonhos, temas que permeiam os cordéis que tem em sua casa para vender ou mesmo oferecer gratuitamente aos visitantes a contragosto da esposa. Pede que esconda ao sair qualquer que seja o presente, para que ela não saiba o que deixou de vender. Antes de se casar, morava em uma hospedaria no centro de Caruaru e viajava pelo nordeste para negociar folhetos, mas foi com o contato com turistas estrangeiros que teve o insight de adotar pseudônimos.

– Cada um queria comprar até 12 de cada autor, que era pra coleção. As pessoas de fora dizem que isso aqui é coisa pra museu. Como deixavam de comprar, dizendo que já tinham daquele autor, passei a mudar de nome, para vender mais. Avisei a tática a outros cordelistas, mas eles não acreditaram. Uns até faliram.

Kirbaano Sabóia. Sabá Sabaó. Dila. Diylas. E todas as combinações possíveis entre esses nomes já assinaram os folhetos e gravuras do homem cujo verdadeiro nome é José Soares ao longo dos anos. Com essa espécie de marketing aplicado para cordelistas é que renovou sua obra para compradores do mundo todo. Até os anos 1960 vendia cordel nas feiras. Depois, com a decadência da lavoura de algodão, diz que faltou dinheiro para o povo comprar. O público-alvo mudou. Mas Lampião ainda é seu personagem preferido e, segundo Dila, é o tema que mais vende. Esse também é seu tema preferido para conversas. Diz ele que o cangaceiro teve 12 imitadores no governo Figueiredo. Em seu discurso, realidade e imaginação se encontram a todo o tempo.

– Lampião era baixinho, xoxinho, do zóio bem azul e não era cego, não. Lampião nunca foi cego. Foi imitado por três cegos. O cego mais velho, correndo atrás de uma vaca, antes de ser cego, a vaca na carreira que ia passou uma ramagem que voltou e bateu na vista dele e ele cegou. O doutor Mota Silveira tratou da vista dele, mas da

lapada ele cegou. O outro era um primo de Lampião que era tenente Joaquim Ricardo Lira Torres, era cego do olho direito. O outro, Severino Ramalho, era da Paraíba e irmão de Lampião por parte de pai e imitava também, mas Lampião nunca foi cego. E eu sei que no cangaço tem muito o que se escrever

Como precisa constantemente renovar suas estórias, parece embarcar nos próprios causos e fazer de Lampião personagem onipresente da história do Brasil.

– Quando foi em 1946, esse cabra que foi Virgulino entregou ele ao governo de Maceió. Virgulino não morreu, não. Não foi aquele que mataram em Sergipe, não. Virgulino é vivo... “E se o senhor der uma patente a cada um, nós trazemos a cabeça dele até vocês.” Aí o governo caiu na besteira que querer buscar. E eles vieram, atacaram pela tarde e perderam seis na fazenda Aroeira, de Bom Jardim, que era uma das fazendas de Virgulino. Aí ele ficou meio triste, Virgulino era meio acuado. Aí ele se ajeitou, arrumou uns trocinhos, passou uns oito dias descansando. E a turma disse: “olhe, se você precisar, você diga”. Aí, quando foi oito dias, numa madrugada, colocou suas coisas nas costas, passou pela porta, fechou e jogou chave por debaixo, e a casa ficou sem ele. Ele chegou em Cachimbinha, Major Isidoro e Dois Riachos, matou todos os soldados, um tenente, um sargento e um capitão ou coisa assim. Em Dois Riachos foi o fim da tocaia. E eles pegaram Antônio, Manoel e Joaquim entraram mata adentro e chegaram num pé de quixaba grande que tinha a meio quilômetro, penduraram os dois mais novos, e o mais velho sangrou os outros irmãos e quando acabou de sangrar, Antônio Ferrerira sangrou o derradeiro.

Dila conta que em Palmeira dos Índios, em Alagoas, um jornalista, chamado Carlos Dora escreveu o que aconteceu e chamou Lampião de cabra safado, bandido e tudo o que não prestava nas páginas do jornal. O cangaceiro Antônio Ferreira foi lá e quebrou as duas coxas dele de coices de rifle. Quando o poeta chagou a Caruaru para fazer folhetos no jornal A Vanguarda, Dora o confundira com Lampião, mas não teve sucesso ao denunciá-lo à polícia e ao exército porque eram comandados por ex-combatentes do sertão que avisaram e protegeram Dila.

– Isso foi em 1952. E disseram: “olhe, o jornal está sem ser revisado, Carlos Dora não veio”, e eu disse: “eu sei porque ele não veio, estou sabendo da safadeza dele, quem é que vai buscar?” Isso era perto de meia-noite. Ele morava no primeiro andar, perto da Igreja do Rosário e perguntaram: “e você tem coragem”, e eu disse: “ôxe, já houve coisa pior”. Cheguei lá, era perto da meia-noite, dei quatro murros na porta dele e disse: “levante, vamo simhora revisar o jornal.” Aí ele desceu com uma cara feia, colocou uma bota. Eu disse “mas você vai na frente”, e ele: “eu ir na frente?”, eu disse: “isso”. Aí quando ele chegou, revisou o jornal, trabalhou tanto que amanheceu o dia. Eu sei que nessa continuação ele se afetou A cangaceirada todinha trocou de nome, ninguém acha mais.

Dila conta tais aventuras com serenidade e confiança. Pode-se acreditar que muitas dessas histórias, já narradas em cordel, viraram verdades em sua cabeça. Após anos escrevendo e contando, criou memórias que entretém a todos que passam pelo número 36 da rua Antônio Satú onde de está seu ateliê. Olegarinho é um deles.

O mais incrível, no entanto, é como personagens históricos têm íntima relação com o cangaço. E ele não se cansa de narrar.

– E ao todo, o que aconteceu foi que com essa história todinha de Lampião se chega a doze imitadores. João Bezerra é imitador de Lampião por parte de pai. O pai de Lampião teve 63 mulheres, é o mesmo Barão de Suassuna, dono de 112 usinas de açúcar. Quando terminou a guerra, Lampião em 1942, mais Cordeiro de Farias, os dois combinaram de trazer Hitler e matar no Recife. Adolf Hitler. Não o que morreu

na Alemanha. Não! Aquele é outro. Ele tinha dois sócios, idênticos a ele. Um chama Serrozal e o outro Mendes Caldeira. Esse Lampião botou num avião que subiu, subiu, subiu e quando chegou das nuvens para cima virou o avião assim e ele caiu de mundo abaixo, só ficou o bagaço no chão. Hitler, na ganância de receber uma usina no México, comprou a passagem de navio. Nesse tempo, Antônio Ferreira trabalhava na capitania. Comprou passagem de navio para Hitler seguir de madrugada. Se ajeitou. Lampião, Cordeiro de Faria e Eduardo Gomes, aquele velejador. Voaram por cima e quando foi em alto-mar, 4h da manhã, bombardearam o navio e só escapou um menino, 12 anos de idade, que ia estudar no México. Esse menino foi prefeito aqui anos depois, é Jaime Nejam.

De fato, há um homem chamado Drayton Jaime Nejam que governou Caruaru de 1963 a 1969, e entre 1977 e 1983.

– Uma das mulheres de Hitler é mãe de Getúlio Vargas. Maria Cavalcante d’Albuquerque Sabóia, negra mexicana mãe de Getúlio, morreu nesse ataque. Vargas e como os irmãos Ernesto Geisel e Garrastazu Médici, nasceu em Ameixa. Batizado com o nome de José Alexandre Barbosa Filho, Vargas sai menino de 14 de Recife e de navio vai para o Rio Grande do Sul.

Para compor a atmosfera fantástica, o poeta mostra inclusive fotografias dos homens que aparentemente tentaram contra Lampião, tendo o próprio cordelista levado dois tiros na perna de um deles. Certa vez, em Taperinha do Surubim, Pernambuco, enquanto tomava banho de rio com a turma do cangaço, um tenente do exército escondido atrás de uma moita atirou. Pensando ser uma mordida de jacaré, Dila mostrou o ferimento a Antônio Ferreira, mas acabou levando um segundo tiro, o que denunciou a tocaia. O cangaceiro disse não ter ouvido os disparos por provavelmente se tratar de um rifle surdo. Então Antônio Ferreira começou a perseguir o atirador e três quilômetros adiante o matou, tirando sua pele ainda vivo, contribuindo para a soma de 703 ao longo da carreira. O nome do morto era Tenório Natalino Cavalcante de Albuquerque segundo a imaginação do escritor.

– O meu pai foi cangaceiro também. É o Antônio Silvino antigo. Tiveram quatro. João Bezerra é um irmão, Sinhô Pereira, Antônio Silvino, Manoel Batista de Moraes, o pai de Lampião é o coronel Antônio Silvino de Alencar. Getúlio Vargas, inclusive se ofereceu a dar uma patente de major do exército a Antônio Silvino, que tinha uma comprada e ainda trocou-lhe o nome imediatamente num cartório para Sebastião Nunes Batista. Esse homem, da Casa Rui Barbosa, no Rio, é o próprio. Morreu aos 107 anos. Esse aqui na foto é o velho Zé Ferreira e esse aqui sou eu e ocorreu que com o passar dos tempos eles foram se ajeitando e mudando de profissão.

Porém, aos que ousam duvidar do passado de banditismo de Dila, ele responde com tranquilidade:

– Eu havia pago a conta de luz, mas no dia seguinte veio um homem cortar. Eu tinha um revólver de gibeira da época do exército na cintura e coloquei na cabeça dele, que estava na altura da minha janela dizendo: “você podem cortar a luz, mas você não escapa. Não dou três dias para você parar no inferno”. E ele foi ao jornal do Recife contar a história de que Lampião era vivo.

Dila possui ainda um lado oculto e místico que afirma que a estátua de Lampião foi feita pelos flamengos, povo de Serra Talhada, Pernambuco, com três dedos nas mãos.

– O meu povo eram os Sabá, mesmo nome do deus da América do Norte, pelo que me disseram. Sabá é Adão, que queria ser um mago. Pediu poder a Deus e ele lhe deu para que matasse os diabos e diabas, mas como eram muito bonitas, trouxe para a

terra.

E também sobre o cordel não se cansa de falar.

– O cordel, dizem que vem do continente europeu. Outros dizem que foram os chineses. Mas a poesia não morreu, não.

Dila, por sua vez, só vai parar quando morrer.

Quem não beijou nesse mundo
não tem história para contar,
mas quem beijou já sabe
tem muito que se falar
Vou falar de todos os beijos
para você se animar

A triste batalha de Olegarinho contra o demônio do tempo

Silêncio. Os 40 mil metros quadrados do lugar repousam\.. Aos domingos, a única freqüentadora assídua de toda a feira de Caruaru é uma senhora que alimenta os gatos e cães vadios com carcaças de frango e pede dinheiro para cuidar dos animais. Dezenas de bichos, muitos feridos ou doentes, a rodeiam nessa hora, gatos, cachorros. Porcos andam às margens do córrego que delimita a área..

Aos domingos, todo o comércio fervilhante de Caruaru cessa. Moradores freqüentam as igrejas em horários pela manhã ou ao final da tarde e logo se recolhem. No Alto do Moura, bairro que concentra artesãos e escultores, também há pouco movimento. Trata-se de uma região singular: em praticamente todas as casas há obras em barro e madeira para serem compradas. Vizinhas, dão lugar apenas a um ou outro restaurante. Não é por menos. Abastecem feiras de artesanato e lojas de arte em todo o país, que compram ali por valores razoáveis e revendem, às vezes, multiplicando a margem de lucro na ordem de uma centena.

Mestre Vitalino, precursor dos bonecos de barro vistos em qualquer feira de artesanato, talvez ficasse orgulhoso em saber que seus originais são vendidos a até alguns milhares de reais. Bois e outras figuras do folclore nordestino, feitos das mãos dos próprios descendentes dele, são vendidos por enquanto a menos de cem. Num casebre de barro cercado por árvores e estruturas de madeira no Alto do Moura, funciona o Museu de Vitalino, com alguns objetos de uso pessoal e fotografias. É lá onde filhos e netos vendem suas criações e resgatam a memória do homem que conseguiu comprar o lugar com sua arte. No entanto, Vitalino morreu na pobre e doente. O reconhecimento internacional e a exposição de fotografias de Pierre Verger em Recife em um sofisticado espaço cultural privado chegaram tarde.

[PP6] Comentário: Verger fotografando Vitalino, é isso?

Não que inexistam espaços buscando preservar a memória da arte brasileira. No caso dos cordéis e xilogravuras, existe um no próprio interior da feira de Caruaru. Porém, tem as paredes de madeira, iluminação deficiente, gatos abandonados,

algumas telhas quebradas e possui o acervo de folhetos antigos e matrizes de xilogravuras sujeito a poeira, luz, calor e umidade. Empenho não falta, mas esse é o que Olegário Fernandes Filho consegue atualmente fazer de melhor pelo museu deixado pelo pai, o cordelista-repórter mais famoso da cidade.

[PP7] Comentário: ATENÇÃO : aqui o texto está muito ruim truncado. é preciso refazer isso aqui.

Para se achar o Museu do Cordel Olegário Fernandes na feira, uma das maiores do mundo, pergunte a quantos vendedores for necessário e dê como referência o setor em que se vende caldo-de-cana. Muitos dos que trabalham na região nem mesmo sabem que existe ali um museu. Dos que sabem, poucos conseguem indicar a localização. Não há informações ou placas, e a chance de se perder nos intermináveis corredores é grande.

[PP8] Comentário: acho que esse Parágrafo tem que substituir a abertura observada anteriormente com a descrição do lugar. é mais esclarecedor.

Essas ruelas abrigam setores especializados em carne, artesanato em barro, tecidos, couro, palha, alimentação, eletrônicos, brinquedos e utensílios domésticos. Em algumas áreas, estruturas de concreto e portas metálicas poupam os comerciantes do montar diário de barracas e armações, com exceção dos ambulantes que circulam com carriolas dotadas de sistema de som potente, e de um dia da semana específico: às terças, a chance se orientar no espaço diminui a partir das cinco da manhã, quando acontece a Sulanca, quando centenas de ônibus estacionam na cidade e com eles milhares de vendedores e fregueses negociam todo tipo de mercadoria colocada em mostruários desmontáveis, nos próprios corredores ladeados pelas lojas e barracas fixas, com ênfase em vestuário e nunca em literatura de cordel.

[PP9] Comentário: o que é isso? tem que explicar...

Por volta das 17h diariamente os lojistas se recolhem e dão lugar a prostitutas, ladrões, viciados e boêmios que freqüentam os bares do entorno e se abrigam no breu dos caminhos. Olegarinho não aconselha os visitantes a andarem sozinhos pelo lugar depois desse horário. Ele próprio baixa as portas de seu sebo-papelaria ao final da tarde, onde nos fundos funciona, provisoriamente segundo ele, o museu. Tem o sonho de ver a herança do pai mais conhecida, poder ampliar o espaço e reformá-lo, protegendo o acervo de antigos folhetos e matrizes das intempéries e do tempo. Como não cobra entradas, faz dinheiro com o comércio de cadernos, canetas, calendários, revistas e cordéis, incluindo os desaconselháveis a menores de 18 anos, dos quais não gosta tanto, mas que vendem bem.

O gênero no entanto não é mais rentável como em seu auge, na primeira metade do século XX, e Olegarinho sabe muito bem disso.

– Hoje serve mais como meio de conscientização sobre meio ambiente, educação no trânsito. De 1990 pra cá é mais educativo. Gracejo e jornalismo não se sustentam, pois não tem o que se conhecer nem como competir como os novos meios.

Manter o museu também tem sido árduo para ele.

– Passei dificuldade aqui. Catei latinha e papelão para funcionar. Meu pai morreu em 2002. Se dependesse da família, tinha fechado. Eu podia trabalhar em outro canto. Sou um pouco eletricitista, encanador, servente de pedreiro, já vendi pão, picolé, sonho, trabalhei de vigia e entregador de jornal. A expansão do cordel em Caruaru com o museu e a Academia Caruarense de Literatura de Cordel é apenas de dois anos para cá. Os poetas se uniram e passaram a dar continuidade.

Embora ache um avanço ter a Academia, não mede palavras para criticá-la.

– Tem muita rixa. Um acha que é melhor que o outro.

O cordelista também é professor eventual da rede pública e vê nessa área a oportunidade que pode salvar sua paixão: ensinar a arte às gerações futuras. Ajudou a conseguir dinheiro junto ao governo para implantar o ensino do cordel nas escolas, e difundir também o teatro e a música. Dos velhos cordelistas, poucos ainda estão vivos e, na visão de Olegarinho, é preciso formar novos poetas. O colega e também cordelista Hérlon Cavalcanti, coordenador de Literatura da Fundação de Cultura de

Caruaru é quem está à frente do projeto Cordel nas Escolas, iniciado esse ano na cidade. Aos 38 anos, cordelista há sete, parece um menino quando fala com entusiasmo sobre a experiência. A idéia é convidar cordelistas para darem aulas periódicas sobre o assunto para alunos do sexto ao nono ano do Ensino Fundamental.

– É importante que deixem de lado o pensamento “fulano tem dom”. Cordel se aprende – diz Hérlon.

– Incentivamos os alunos a fazerem os cordéis e as xilos, mas não para que sejam um Olegário Fernandes, um João Martins de Ataíde, um Paulo Pereira, mas que levem esse conhecimento e se lembrem que, mesmo sem recurso, sem ganhar dinheiro, o cordel ainda permanece vivo. Acabar com essa história de que o cordel morreu – fala Olegarinho.

O projeto não é permanente, mas ele conta que quando passam um mês sem ir às escolas, os alunos insistem para vê-los de novo.

Aos poucos, surge uma nova geração. Entre os aprendizes, Olegarinho aponta um jovem de quase 20 anos, muito branco e de chapéu de vaqueiro como uma das promessas da poesia caruaruense. Por seu porte físico alto e magro, adotara ou lhe fora atribuído um nome artístico: Espingarda do Cordel. Espingarda, no entanto, é de falar pouco e está sempre apressado, de passagem.

A irmã de Olegarinho o ajuda a tocar o negócio. Ele escreve folhetos mas é nas apresentações contratadas que consegue a principal fonte de renda com a poesia, cantando e declamando. Do pai Olegário Fernandes restam recortes amarelados de jornais em que figurou, guardados em uma pasta ou colados nas paredes do museu, além da saudade que a voz do filho não esconde. Boa parte do acervo fora dado ao pai de Olegário por velhos cordelistas, custando milhares de réis e tendo nas capas fotografias de cinema ou apenas a tipografia com o nome da história e do autor. A técnica da xilogravura fora introduzida com o passar dos anos para baratear a produção, e é mais vista em temas de fábulas ou catástrofes. Com o tempo, ganhou status de arte. Casos policiais e biografias parecem provocar mais impacto nos consumidores com a foto da pessoa impressa na capa do cordel.

Assim como o pai nas fotografias, Olegarinho é calvo, mas pouco aparenta de seus 36 anos, principalmente com a vitalidade que demonstra todos os sábados, das 10 às 12h da manhã, nos encontros de poetas, coquistas, emboladores e violeiros que promove no museu. Convida escolas para assistir. Naquela vez, havia presença da televisão. Ao final, passa o chapéu para o declamador e incentiva a compra de exemplares ao preço de um real cada. Oportunidade para fazer um bom dinheiro, mas ele já conhece a história.

- Não chegam a levar nem dez ao todo. Nem os professores compram. Se não há cachê para o poeta que vai se apresentar, ele passa fome. Tem que vir alguém do estrangeiro ou do sul e dizer que é bom para passarem a valorizar - reclama.

De fato, muito do que se escreve sobre o reconhecimento do cordel faz referência a um francês estudioso da cultura brasileira. Raymond Cantel chamou a atenção para essa arte na virada da década de 1960 para 1970. Foi nessa época, mais especificamente em 1969, que Cantel publicou um artigo sobre o tema no jornal *Le Monde*. Na década de 1970, a cadeira de Literatura Popular Universal da Universidade de Sorbonne, em Paris, ministrada por Cantel, passou a estudar a obra do repentista cearense Antônio Gonçalves da Silveira, o Patativa do Assaré.

Apesar de um artigo importante do jornalista e escritor Orígenes Lessa, publicado na revista Anhembi em 1955, ter dado algum destaque para o tema, foi a

partir do interesse de Cantel que essa literatura tornou-se foco de conferências, pesquisas e aulas em centros universitários no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos.

A escola que assistia à declamação até parecia interessada. Alguns alunos com vinte anos de idade acabavam de conhecer o cordel. Mas só fizeram confirmar a desilusão do dono do museu ao comprar poucos folhetos. A equipe de TV filmava tudo e fazia entrevistas com os cordelistas e estudantes. Produzia na ocasião uma reportagem para homenagear mestre Dila, famoso cordelista e xilógrafo da cidade, por quem o dono do museu tem apreço especial.

— Dila faz de tudo um pouco, cordel, xilo, declamação, mas ele faz mesmo é cachorrada. Ele se acostumou a viajar nas histórias do cangaço. E o pessoal gosta muito. Mas eu também gosto de ver ele mentindo.

Há declamações de poesia em Recife, as quais Olegarinho também aprecia como as da Praça do Diário e as do Mercado São José, onde há ainda emboladores, homens que têm a música sobre as temáticas pré-determinadas na memória e as cantam tocando pandeiro; e alguns violeiros, que em geral tecem os repentes, canções quase sempre elaboradas na hora, de acordo com situações que presenciam ou que lhe são sugeridas.

Três deles, de mais de 60 anos de idade, dedilham seus instrumentos sob a lona de uma barraca do setor do caldo-de-cana da feira de Caruaru. Estão rodeados por homens e algumas mulheres de meia-idade e com chapéus sobre as mesas recheados de notas de cinco e dois reais. A platéia aplaude a cada estrofe dos repentes cantados por cada um, puxada por um homem sentado ao lado deles, mas sem que se aumente a quantia nos chapéus.

Outros dois tentam a sorte perambulando pela orla de Boa Viagem, em Recife. Cantam para casais sentados nos bancos da praia, dão chutes sobre a profissão de cada um, mas fecham a cara e partem quando são rechaçados ou a oferta pela cantoria não passa de moedas.

A situação também não é das melhores no sebo de Olegarinho. Rejeita comprar revistas usadas ultimamente.

— Ainda chegam uns velhinhos perdidos de 70 e 80 anos do tempo de pai ainda e diz “lembro muito do seu pai”, mas já leram todos e vão embora sem comprar – conta.

Também tem dificuldades para viver do cordel e para que valorizem e dêem continuidade a essa arte. Vende cerca de 500 folhetos por mês.

Assim que começou o interesse pelo tema no meio acadêmico, veio a preocupação com o fim do gênero. Jornais da década de 1970 por diversas vezes anunciaram a morte dos folhetos ou se preocuparam de alguma forma com a sua extinção, com títulos como “A literatura de cordel está morrendo”, da *Folha de S. Paulo*, em 1970, e “Cordel, cultura ameaçada”, em *O Estado de S. Paulo*, de 1978.

Forma de entretenimento e informação do homem do meio rural nordestino, com a censura do governo militar, o início da industrialização do nordeste nos anos 1970, a popularização dos meios de comunicação de massa – rádio e TV – passou-se a temer que esse traço cultural se extinguisse. Hérlon e Olegarinho lembram que o êxodo rural e o boom da construção civil na década de 70 foram determinantes para a diminuição das vendas e do número de poetas.

Uma crise na lavoura do algodão, provocada por uma grande seca, também é

tida como um motivo para a queda nas vendas à época,

[PP10] Comentário:

Mas, apesar da decadência, o gênero resistiu. Como descreve Hérlon, o cordel era o jornal do sertão. Mesmo com outros meios de se informar, parte do público o preferia porque entendia melhor, já que era escrito na linguagem do homem do campo. Esse fato é confirmado por Olegário Fernandes, em uma entrevista à revista Fatos e Fotos, de 1976: “O rádio dá a notícia, mas o povo quer saber o que o folheto diz com mais detalhes. O jornal dá a notícia maior, mas não tem a rima que só o folheto tem. E o homem do interior gosta de decorar e cantar as histórias, repeti-las para os amigos, lembrá-las quando está trabalhando na roça. A televisão, essa é que não atrapalha mesmo porque nem todo mundo tem dinheiro para comprar uma.”

O poeta-repórter de Caruaru obtinha suas informações pelo rádio ou pelos jornais. Também tinha um amigo jornalista, Ivan, dono de uma rádio em Recife, que passava cerca de 50% das informações. Sempre citava suas fontes. A esposa escrevia o que ele ditava, já que era analfabeto. Vendia três a cinco mil cordéis por dia quando o acontecimento era mais bombástico.

– Vinha gente do Ceará, da Bahia, Paraíba, do Piauí comprar cordel a pai para vender em outro estado - lembra o filho.

Nos anos 1980, quando a TV ficou mais barata, a queda nas vendas de cordel acentuou-se. Hoje o público restringe-se a jornalistas, turistas e pesquisadores, segundo o dono do museu. Diferente do pai, Olegarinho preocupa-se com a situação do cordel e com o atual desinteresse.

Embora não se preocupasse com a morte do cordel, Olegário Fernandes criou o museu que ficou para o filho quando faleceu. Ao longo da ditadura, muitos folhetos tiveram de ser queimados ou descartados de outra maneira. Contudo, a coleção prolongou-se e mais tarde começou a gestação da ideia do museu. Em 1995, conheceu Lídio Cavalcante, radialista, folclorista e compositor que topou a luta. Falaram com políticos e tentaram mobilizar as classes média e alta. Em 1999, dia 21 de agosto, a Fundação de Cultura e o prefeito sensibilizaram-se: foi fundado o único museu do cordel do mundo, pelo menos o único feito de madeira, segundo Olegarinho.

Agora, ele pensa na ampliação. Conta que, como o museu está tombado como patrimônio cultural, antes da reforma virá uma equipe de museólogos de Recife para ver se pode ser transformado em alvenaria.

– Mas, se for o único em madeira do mundo, como acho que seja, quero que fique assim.

O herdeiro do museu reclama da falta de indicações para encontrar a casa. Diz que os guias dificilmente passam por ali. Mas, segundo Olegarinho, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco desenvolve um projeto que transforma menores infratores em guias mirins para conhecer os pontos turísticos da feira em troca de diminuição da pena. O museu do cordel, a casa do escritor José Condé, a Casa de Farinha, o mercado de carne e o caldo-de-cana estão entre os pontos de visitação.

Os visitantes são na maioria estudantes e turistas.

– Só não veio muita gente essa semana porque eu adiei já que pensei que ia chegar material fazer o museu. Serão trocadas as telhas todas, todo o acervo vai ser guardado, vai vir um grupo de Palmares, coronel, esse negócio todo. Muito difícil toda semana não virem duas caravanas de longe. Vêm colégios municipais, estaduais, de faculdades de jornalismo.

O próximo passo de Olegarinho no ramo do cordel deve acontecer no final de

2009. Ele pretende apresentar um projeto para redes privadas de ensino pelo qual consiga remuneração.

– Quando é uma turma de 30, 40 que assistem às declamações, se cada um contribuir com cinco reais... Para eles saberem como funcionava a cultura, como funciona hoje. As particulares podem conhecer o museu. Mas precisamos do projeto, para termos verba e o prestígio. O cordel é importante desde que chegou ao Brasil. Os românticos vendem bem até hoje, pois prendem o leitor. Vêem a primeira página e querem ler a segunda. O cabra tem que ter amor ao cordel, pois não ganha dinheiro, mas ganha respeito, é lembrado. Se fizer bem feito, pode vendê-lo por anos e anos.

Atualmente, Olegarinho admira o poeta Antônio Francisco, do Rio Grande do Norte, quem considera “o maior que temos hoje em termos de cordel bem feito, bem metrificado, com bicho no meio, coisas que não existem, de imaginação, como se fosse Alice no País das Maravilhas, magnífico”. Também gosta dos romances clássicos de Leandro Gomes de Barros, autor de *O Cachorro dos Mortos*, João Martins de Ataíde, de *Juvenal e o Dragão* e José Pacheco, de *A Intriga do Cachorro com o Gato*.

– São cordéis que permanecem e são vendidos até hoje. Dos antigos escritores, há uns 15 distribuídos pelos estados diferentes. Em Pernambuco se tiver muito são oito, não chegam a dez. E todos os que eu estou citando, só o que está em vida precária é Severino Cristóvão, porque na minha visão nem reconhecimento como cordelista ele tem.

O *best-seller* da autoria de Olegarinho é um poema não metrificado de sua autoria chamado *Os sabores que o beijo tem*. Ao declamá-lo, emposta a voz e inicia de maneira enérgica cada verso, mas termina as estrofes docemente:

Quem não beijou nesse mundo
Não tem história para contar,
Mas quem beijou já sabe
Tem muito que se falar
Vou falar de todos os beijos
Para você se animar

Tem o beijo do palhaço
Que ninguém não se agüenta
Tem o beijo lambuzado
A boca fica babenta
E o beijo mais quente e apaixonado
É o chocolate com pimenta

Tem o beijo do matuto
Que beija na frente dos pais
Tem o beijo escondido
Esse é gostoso demais
E tem o beijo temperado
Que nunca são iguais

Tem o beijo apaixonado
Que pega fogo por dentro
Tem o beijo inesperado

Que é em questão de momento
Tem o beijo tira-fôlego
O chamado papa-vento

Mas tem o beijo do medroso
Que só vai no empurrão
Tem o de conhecimento
Que é de consideração
E tem o beijinho de amor
Que não sai do coração

Tem o beijo apertado
Que começa a estralar
Tem o beijo na areia
Que começa a embolar
E tem o beijo de corda
Que é da língua enrolar

Tem o beijo do bebum
Quem tem gosto de cachaça
Tem o beijo do cigarro
Que tem sabor de fumaça
E tem o beijinho a dois
No banquinho ali da praça

Mas tem o beijo de mau hálito
Que a mulher já sai correndo
Tem o beijo do corno
Que ela beija e todo mundo vendo
E tem o beijo pit bull
Que além de beijar fica mordendo

Mas tem beijo que é mais fraco
Do que caldo de feijão
Tem beijo mais saboroso
Do que queijo, leite e pão
E tem beijo de segredo
Enrolado no colchão

Tem beijo venenoso
Pior do que cascavel
Tem o beijo da namorada
Enroladinho no papel
E tem beijo de juramento
De igreja, grinalda e véu

Tem o beijo da mamãe
Que não faz mal a ninguém
Tem o beijo inocente
Que é o beijo do neném

E tem o beijo de muitas horas
Aí se beija mais de cem

Mas tem o primeiro beijo da moça
Que do pensamento não sai
Tem o beijo do macado
Que pendura mas não cai
E tem o beijo de encontro
Eu vou na frente e depois tu vai

Tem o beijo desconfiado
Em que a gente pergunta o que é?
Tem o beijo no cangote
Que o cabelo fica em pé
E tem o beijo do trouxa
Que a mulher chama de mané

Tem o beijo espiga de milho
Que tem sabor de pipoca
Tem o beijo enroscado
Parecendo uma minhoca
E o beijo misterioso
No escuro, nas entocas

Tem o beijo do idiota
Que pensa estar agradando
Tem o beijo sonhador
De quem está amando
E também o realista
De que está se apaixonando

Tem beijo que é mais belo
Do que as mais lindas flores
Tem beijo de despedida
Que deixa cheio de dores
E o beijo de quem coleciona
Muitos grandes amores

E os beijos todos definidos
Lindo rever velhas paixões
Em grandes situações
Grandes amores tive mais de cem
E aos que na mente vem
Recordando a outra não vou contar
Mas para vocês eu pude declamar
Os sabores que o beijo tem

Olegarinho, que cresceu vendo o pai fazer verso, fazer cordel e vender, considera-se hoje um bom cordelista. Recentemente, quis escrever sobre Michael

Jackson.

– Mas ele teve uma história muito perturbadora, não sabiam quando iam enterrar. Ia fazer *O Mundo Encantado de Michael Jackson*. Antes eu fazia somente poemas, cordel é mais difícil, não pode estar perturbado. Mas aos 17 estava casado, aos 18, tome cacete no exército. Depois, veio menino na área – conta sobre quando teve filho –. Tudo pra pobre é ruim e difícil. Aí vieram as profissões. Demorei para virar cordelista por causa dessas etapas e não tive berço de ouro. Meu pai criou cinco filhos só da literatura de cordel, mas na época que dava dinheiro. Ele faleceu com 70 anos. Três dias antes de morrer fez um poema:

Eu tenho setenta anos
Nesta vida nua e crua
A noite faço em casa
O dia eu faço na rua
E a morte me convidando
Para nós dois morar na lua

– No nordeste tudo é muito, só o dinheiro que é pouco.

[PP12] Comentário: meio deslocada esta frase aqui, não?

Agora você vai ver
como eu vou começar
falar no nome é fácil
difícil é você rimar
não fazer a rima errada
e também metrificar

A discussão da memória com o papel e a caneta

Paulo Pereira colocou 210 nomes de pássaros em um poema e o tem memorizado com mais cinco centenas de outros que diz ter criado ao longo da vida. Ele é um tipo peculiar de cordelista, o que não escreve cordel algum. Dos milhares que cavalgam barbantes no museu, apenas três são assinados pelo velho de bigode grisalho e chapéu de boiadeiro: *Os passarinhos*, *O cordel sabe demais* e *Caruaru, sua feira e sua história*, colocados no papel por amigos que insistem que Paulo poderia lucrar mais vendendo suas obras e não apenas declamando-as.

– Artistas populares eram considerados marginais, mentirosos, preguiçosos. Há dez anos isso começou a mudar. Desde que meu pai conheceu, Paulo chegou lá e disse “você sabia que eu também sou artista?” E ele começou a declamar. Tem poemas de todos os tipos e eu acharei uma pena se ele morrer e não tiver nada publicado. Fará muita falta para a cultura popular nacional. Um cabra que mal sabe ler e escrever. O bom dele é esse, que se ele fosse um professor não prestava. Como é quase analfabeto, isso é realmente cultura popular – diz Olegarinho.

Paulo é um declamador nato, que não se curvou ao fato de pouco saber escrever e que procura difundir sua arte aos frequentadores do Museu do Cordel e dos festivais. E embora não escreva, preocupa-se com a métrica, para justamente declamar com mais facilidade. Recentemente, passou a pensar, como seus amigos, na permanência de sua obra. Quer que, quando morrer, seus milhares de versos fiquem na história.

Com a chegada da velhice, passou a se preocupar mais com a permanência de sua obra. Há algum tempo, gravou um disco com declamações.

– Quando a morte está chegando perto, aparece um bocado de coisa. Conversando com um amigo ele disse: “muitas vezes a gente tem uma doença para morrer dela.” Mas você é novo e você não sabe nem se tem. Mas dos 35 em diante, começa a ter infecções, zoada nos ouvidos, coração uma hora altera, tintilando o corpo. Uma dor aqui, uma dor na costela, aí ela vai matando aos pouquinhos até matar. A morte. Eu acho muito interessante a morte. Sabe por quê? Porque eu acho que seja bom. Não morrer de matado nem desbagaçado por um carro, mas uma morte que você morre na sua cama rodeado pela sua família, eu acho uma coisa boa morrer, Você não está

sofrendo mais, não está vendo tanta miséria que a gente está vendo aqui no mundo, ganância pelo dinheiro.

Paulo é contador profissional de causos e histórias. Sobre a morte, conta sobre um homem que sabia quando morreria e já aguardava com uma vela na mão. Quando “Nosso Senhor” mandou buscá-lo por meio de São Pedro, no entanto, resistiu:

– “Quem é você?” “Eu sou São Pedro, o chaveiro do céu.” “Eu não vou com você, não.” Pedro disse: “por que não vai comigo?” “Porque você é chaveiro, é você que abre a porta e eu sou meio encrenqueiro e se daqui pra lá nós arruma uma encrenca e tu não abre a porta e eu vou pro inferno, eu não vou, não.”

Foi quando o Senhor teria ordenado que São Miguel fosse, mas, mais uma vez o homem negou-se a ir:

– “Quem é você?” “Eu sou São Miguel, o pesador do céu.” “Eu não vou não, porque todo cabra quer pesa rouba cem gramas. E tu pode me roubar cem gramas também e eu vou pro inferno e eu não vou.” Nosso Senhor disse: “eu vou.” Mas Ele sabia de tudo. Orou-se em latim. O homem falou: “aí vem uma coisa boa. Falaram em Deus.” Chagando lá, Ele disse: “filho, eu vim te buscar.” “Você é quem?” “Eu sou Jesus.” “Isso eu logo vi que Você veio com uma oração muito bonita, mas eu não vou com você também não.” “Por que você não vai comigo?” “Porque você é do contra, bota chuva no sul e no sertão é seco de lascar e eu não vou.” Aí Nosso Senhor mandou a Morte. Quando a Morte chegou deu logo um bicudo numa cadeira. A cadeira saiu embolando lá para os fundos, quebrando outros móveis. A morte disse: “ó, cara, tu vai comigo ou não vai!?” “Quem é você?” “Eu sou a Morte.” “Com você eu vou, que com você não tem luxo. Você leva pobre, rico, preto, branco, leva os insetos, os animais, tudo no mundo você leva. Agora eu vou lhe pedir uma coisa, por favor. Quando você chegar numa casa para buscar um cliente seu, venha com educação. Não venha quebrando nada de dentro que ninguém te paga para fazer essas coisas.” E a Morte levou.

Paulo é bem-humorado a maior parte do tempo. Sua voz rouca se modifica quando entoa diferentes ritmos na hora de cantar um cordel. Explica que eles devem ser cantados do jeito que foram concebidos, seja se forem à moda dos violeiros, seja à dos emboladores e assim por diante. Ele não apenas consegue fazer isso de todas as formas, como para um mesmo poema.

Vou escrever para os leitores
Os nomes dos passarinhos
Pesquisei a vida toda
Andei o Brasil todinho
Tive bom conhecimento
Escrevi meu cordelzinho (canta como um baião triste)

O nome dos passarinhos
Quem não sabe vai saber
E o meu conhecimento
Eu repasso pra você
Ensinar a quem não sabe
Para mim é o maior prazer (entoa de maneira alegre e termina cada verso serenamente)

Agora você vai ver

Falar no nome é fácil
O difícil é você rimar
Não fazer a rima errada

E também metrificar (volta ao tom menor, mas diferente do anterior e começa a enunciar as centenas de pássaros)

– Quem vê, não dá um real.

Após a cantoria que emocionou os presentes, Olegarinho caçoa da figura do amigo. Paulo seguramente destoa do estilo de um dos garotos que o assiste, chamado Antônio Marcos, jovem poeta que escreve, canta e toca. Tem CD e DVD gravados. Se interessou pelo ofício vendo o pai escutar LPs de violeiros, além do gosto presente na família. Estudou até o primeiro ano do Ensino Médio, mas escreve de tudo um pouco: natureza, política, histórias de amor e ficção em versos. Começou aos oito anos. Concebe seus poemas na mente, como Paulo, para depois escrever e verificar se há algum erro. O estilo do velho parece estar em extinção apenas em partes.

– Qualquer poeta faz o poema dos passarinhos, mas só se pesquisar. Identificadas pela ciência, já tem quase duas mil espécies de aves, e eu sei que tem passarinhos identificados pelo canto. Como por exemplo o vem-vem. Vem-vem! Salta-caminho, há três nomes para ele: tico-tico, Jesus-meu-deus e santo-antoninho. Clavinha tem maria-fita, glavina e abochecha, porque ela quando canta abre uma florzinha roxinha. Cada região tem um nome diferente. Aqui é patativa, mas em outros lugares é extravagante. Acorda-negro é um preto do papinho meio roxo e a coroinha roxa, para o lado do Paraná é guarimbá. Toda vida gostei de criar passarinho. Não estou criando agora, mas trabalhei muito com isso. Um colega tinha um álbum, com pássaros até do estrangeiro. Eu memorizei e rimei tudo. Inventar na hora é para repentista. Até acontece, mas depois você não lembra o que cantou. O bom mesmo é decorar. No trabalho da gente se memoriza para depois cantar.

Por ter inúmeras criações na cabeça, Paulo não vê porque cantar cordéis alheios nas declamações. Igualmente se recusa a passar o chapéu como faziam antigamente os violeiros.

– A sorte para esse tipo de artista tem mudado quando se apresentam em eventos, mas caso insistam em ficar de pé nas feiras, correm o risco de perderem até a bandeja em que recolhem o dinheiro. A prefeitura colocou eles nos bares daqui, mas continua sendo a mesma coisa – diz Olegarinho.

– Se não tem um dinheiro certo no final da apresentação, não compensa. Somos artistas - completa o amigo.

Paulo já trabalhou como modelista, cortador e vendedor de botas. Também vendeu cordéis em feiras. Passou fome e sede no sertão até encontrar um tocador de pandeiro para acompanhar suas cantorias, juntar alguma quantia para a passagem e vir embora do município pernambucano de São Bento do Una, onde nasceu em 20 de dezembro de 1945. Exímio declamador, não sabe, porém, bater um pandeiro, dedilhar um violão ou tocar qualquer instrumento. Apesar de pouco ter frequentado a escola, participou de Bienal e declamou em um shopping de Recife. Diz, aos 64 anos, que a memória impressionante fora um dom que Deus lhe deu. Dom que lhe rendeu inclusive um lugar na Academia Caruarense de Literatura de Cordel.

Em uma entrevista para a TV Brasil, entre as muitas que já fez, a repórter lhe pediu uma poesia que falasse sobre o sertão. Ao cantar o ambiente onde viveu, o artista falou de sua fauna, flora, festas e natureza.

Sertão que tem cavalinha
Cascavel e urutu
Jararaca, caninana,
Coral e jaracuçu
Salamandra, papa-ovo
Cobra verde, cobra-d'água
Cobra preta, corre-campo
Que parece com umuçu

Cipó, casca-de-burro
Rainha, que o homem ataca
Tem a costela-de-vaca,
Jibóia e surucucu
E tem cobra de viado
Que se tu não tem cuidado
Caçando ela engole tu

Sertão de mandacaru
Mina de gato e facheiro
Quebra-pata, xique-xique,
Jucá, joelho e umbuzeiro,
Barriguda, umburana de cheiro
Madeira de todo tipo
Pra ajudar o carvoeiro

Sertão do pai de chiqueiro,
Da cabra toda enrolada,
Nas épocas que não têm chuva,
Não se aperreia com nada
Come seco e é veloz,
Dá leite bom para nós
E carne vitaminada

Sertão que tem vaquejada,
Festa de apartação,
Pega de boi na campina,
Tem corrida de mourão,
Cavallhada, reizado,
Prado e novena
Cantor de côco e canção,
Onde nasceu Virgulino,
O famoso Lampião
E onde nasceu o melhor cantor,
Luiz, o rei do baião.

Sertão que tem formigão,
Lesma, vespa e aruá,
Calango, tem lagartixa
Papa-vento, minduá

Cabeça-chata, taioca,
Gafanhoto, muriçoca,
E abelha no gangá,
Largato que tem veneno,
Inseto, bicho pequeno
No sertão tem para sobrar

Tem rios para nós pescar,
Peixes que é uma beleza,
Os passarinhos na floresta
É aquele boniteza,
Voando, cantando
E bebendo água
Dando vida à natureza

Sertão que tem a riqueza
De artista é um celeiro,
Tem o cantor de forró,
Pianista e sanfoneiro,
Zabumbeiro, cada um com seu valor
Poeta, declamador, violeiro
Que divulgam nossa cultura
Até lá no estrangeiro

Sertão do povo hospitaleiro
Que tem muita educação
A gente chega na casa de um
É aquela animação,
Eles começam a conversar
A você pegam a contar
Histórias de Lampião
E você só sai de lá
Quando comeu o feijão

Digo porque lá passei
E tudo quanto falei
São coisas do meu sertão

Segundo Paulo, sua poesia andou pela Inglaterra, São Paulo, Brasília, Mato Grosso. Declamou na Paraíba e em Recife. Junto do amigo e dono do Museu, se apresentam em duetos e têm um público que considera maravilhoso. Contam que depois que começam a declamar, só vão embora com a polícia. Paulo apresentou-se também em um festival internacional.

– Certa vez chegou um e perguntou o que eu tinha feito na vida. Ele pode ser formado no que for, mas se não tiver o dom, não faz poesia. Se começar uma poesia e errar uma coisa, não conserta mais.

Em sua opinião, o que o diferencia dos outros é ser um autor que declama. Ele conta que há muitos poetas que declamam obras de outros, mas, para ele, “pegar o que está feito é mamata”. E o que o impulsiona a criar e declamar é sentir-se bem.

– Diante de tanta miséria, de tantas coisas ruins que acontecem no mundo, chagar

diante de um público, fazer poesia e ser aplaudido é a melhor recompensa que há.

Para escrever os folhetos, ele se informa principalmente vendo os programas televisivos Globo Repórter, A Hora do Justo e Fantástico.

– No cordel de brincadeira é o cabra casando com a jumenta e outras coisas, mas quando é o cordel da realidade a gente faz tudo real, porque o cordel é instrumento de informação. O cordel quando surgiu não existia televisão, na existia jornal, não existia essas coisas que existem hoje. Então o cordelista faz um apanhado daquilo ali, pega toda a informação e vai produzindo o cordel que vai lhe contar aquela história rimada e metrificada. Nosso trabalho é educativo, tem poesias sobre brincadeiras, violência.

Para se apresentar por uma hora, Paulo cobra em média 150 reais. Como forma de ter renda extra, fala ter aprendido a fazer projetos para apresentar para a prefeitura e à fundação de cultura da cidade, embora nem sempre dê certo participar de ou fazer projetos. Há meses se apresentou no Alto do Moura junto com Olegarinho, por um projeto que teria recebido verba de 47 mil reais, mas até hoje não ganharam o dinheiro pelo trabalho. Às vezes também conta com admiradores ocasionais para ganhar dinheiro. Tempos atrás declamava para um casal, quando um homem que assistia se interessou e quis levá-lo a São Paulo, achando o trabalho brilhante, divertido. Lá Paulo declamou em um aniversário, passou uma semana na casa do seu contratante, que também pagou passagens de ida e volta, além do cachê.

Quando Paulo se apresenta, os aplausos são garantidos, segundo Olegarinho. Mas houve um dia em que um senhor falou que aquilo “era cultura fajuta”. O declamador então disse que aquilo era arte, e provou fazendo uma declamação, após o que o provocador lhe comprou vários cordéis.

Eu fui criado assim
naquele sertão sem luz
abandonado pelo homem
desprezado por Jesus
e da era do cangaço
aqui acolá uma cruz

O sertanejo que desafiou a universidade

Em outra das vielas úmidas da Feira de Caruaru, pode-se ver a barraca amarela de José Severino Cristóvão. No alto da fachada em madeira, em grandes letras, aparece o número de países onde o poeta se diz conhecido: 43. No verso de seus folhetos, o número é outro: “Através do Jornal Nacional da TV Globo, meus cordéis foram mostrados para os 192 países deste planeta verde”, escreve.

Cabelos ralos e grisalhos, corpo magro e baixo, um olho de vidro e roupas cuidadas dentro do possível: calça social preta, cinto, sapatos pretos e uma camisa verde clara maior que ele e já puída. Aos 70 anos, Cristóvão é um cordelista de 20 anos de carreira. Seu despertar para a arte foi relativamente tardio. Antes do cordel surgir na sua vida, era ambulante na mesma feira. Até que decidiu escrever. Pareceu-lhe algo mais lucrativo.

– Um é dois, quatro é cinco e nove é dez – interrompe a conversa para vender seus livretos.

E garante:

– Aqui não tem mentira. Tudo que escrevo é verdade – refere-se ao gênero de seus cordéis: históricos, biográficos ou científicos, diferente dos ficcionais.

Há várias classificações sobre o conteúdo dos folhetos de cordel. Pelo sistema do antropólogo e sociólogo Manuel Diegues Jr., por exemplo, que combina as classificações feitas por Ariano Suassuna e M. Cavalcanti Proença, os cordéis são divididos em três grandes grupos: temas tradicionais (como romances, contos e temas religiosos); fatos circunstanciais ou acontecidos (de natureza física, como enchentes, de repercussão social, sobre a cidade e a vida urbana, crítica e sátira e elemento humano, incluindo figuras atuais ou atualizadas); cantorias e pelejas.

Entre os folhetos de Cristóvão há a biografia de Juscelino Kubitschek. No prefácio, escrito por Genival Vicente de Lima, mestre em desenvolvimento local pela Universidade Federal Rural de Pernambuco, está a garantia de que tudo foi feito com base em pesquisas e dados históricos. “Ele soube dizer, em poucas palavras, o que um escritor talvez dissesse em vários volumes”, escreve Genival.

De quando em quando, em meio à conversa, Cristóvão interrompe as perguntas para dizer o que pensa.

– Eu li 72 livros da Bíblia, mas só o Novo Testamento presta, o Antigo só tem mentiras.

Ou então, demonstra seus conhecimentos.

– Você sabe qual foi a invenção que mais beneficiou o comércio? Foi o vidro! E sabe quem inventou a bicicleta? Foi um francês.

Também gosta de falar sobre astronomia, listar a distância entre a Terra e outros planetas do sistema solar ou então garantir o quanto seus folhetos são importantes, dizendo que mesmo quem é formado em alguma faculdade tem o que aprender com eles. Sempre sem sorrisos, mantendo um ar ligeiramente sério e triste ao mesmo tempo.

Cristóvão tem cerca de 50 folhetos publicados. Já não escreve, apenas reedita, mas esquiva-se ao dizer o porquê.

– Ele teve problemas de família, ficou muito deprimido depois disso – fala Eliseu de Souza Sobrinho, um guia turístico da cidade, que costuma levar grupos para conhecer o poeta.

– Santo de casa não obra milagre – diz, referindo-se à situação financeira dos cordelistas atualmente.

Hoje já não se vendem cordéis para nordestinos como se vendiam em décadas anteriores. Os compradores atuais, segundo diversos cordelistas entrevistados, são na maioria turistas ou estudantes. O próprio Eliseu não é comprador.

Com a demora para se adquirir um livreto, Cristóvão impacienta-se:

– Acho que já está na hora de fechar, está tarde, não vendeu nada hoje mesmo – e ainda não é meio-dia.

Com a compra feita, adia o fechamento da banca e conversa mais uns minutos. Mostra cópias de jornais onde já apareceu, como o *The New York Times*, em uma matéria escrita por Larry Rother. Uma cópia da reportagem figura em um quadro ao lado da entrada da barraca do cordelista, tal qual um troféu.

No verso de seus cordéis, como na fachada da barraca, encontra-se a demonstração de sua fama mundial: “Através de meus trabalhos fui divulgado na TV, uma da Alemanha, Canadá, BBC, TV do Japão, STV de Portugal, Jornal do Comércio, Diário de Pernambuco...” Ainda escreve: “Recebi um ofício da Câmara Municipal de Caruaru, do dia 23 de novembro de 2001, elogiando meus trabalhos; envisto (*sic*) que venho divulgando as raízes da cultura nordestina em todo o território nacional e também em inúmeros países; daí fui considerado poeta popular nordestino de primeira linha”.

Não há cordelista que fale mais de si mesmo e de seus feitos em Caruaru. Mas, para Olegarinho, herdeiro do Museu do Cordel, Cristóvão não é reconhecido publicamente.

– Ele é quase um repórter, é um poeta-historiador. Fez uma pesquisa sobre Caruaru, fala o primeiro padre, o primeiro juiz, rua, igreja, professor, delegado. Eu tenho medo de que ele vá morrer e não deixe nenhum legado a não ser os cordéis que ele publicou – lamenta.

Apesar de pequenas, as cadeiras que tem em sua loja acomodam perfeitamente o corpo miúdo do poeta. Há garrafas plásticas com líquidos indecifráveis sobre sua mesa, mas é um pedaço de papel que guarda com a maior estima que tenta vender a interessados em sua arte. Trata-se de uma cópia de um documento sobre o cangaceiro

Antônio Silvino, pelo qual pede uma quantia fora dos padrões de uma fotocópia. Além disso, afirma estar o original na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Intitulado *Vida e Morte de Antônio Silvino*, o documento relata alguns roubos que cometeu, pessoas que matou, policiais que deixou nus e sem armas, e tocaias das quais escapou.

Cristóvão é aposentado, mora no centro de Caruaru com a segunda esposa e tem quatro filhos, dois deles graduados.

Os leitores do futuro
verão da obra a estética,
o calor de uma pena
comprovadamente eclética,
a sucessão de imagens
contidas nas abordagens
duma produção poética

O menino de rua que virou presidente

Erivaldo tinha um compromisso para a tarde de sábado: participar de um encontro de poetas populares na Academia Brasileira de Literatura de Cordel, a ABLC. Dona do maior acervo de cordel do Brasil, com 13 mil títulos, tem por trás um homem chamado Gonçalo Ferreira da Silva, seu presidente e principal mantenedor. Quem **for a Santa Teresa**, na região central do Rio de Janeiro, pode desconfiar da magnitude atribuída ao lugar, que a princípio é uma garagem forrada de folhetos à venda, com um homem sentado a conversar com quem chega.

– Isso aqui é feito por quem quer, por quem gosta. Então, quando os deuses do Parnaso nos autorizaram, nós agarramos com unhas e dentes – diz Gonçalo.

O que não há como prever são os cinco pavimentos superiores que contam com um pequeno museu com impressoras manuais e máquinas de escrever, uma sala para pesquisa do acervo catalogado, uma varanda onde ocorrem encontros e eventos, um auditório e a própria residência de Gonçalo, sua esposa, Maria do Livramento, e filhos.

Marido e mulher nasceram em Ipu, no Ceará, mas somente se conheceram décadas depois, no Rio de Janeiro. Gonçalo conta que morou nas ruas até ser adotado para trabalhar em uma casa de família, entre 13 e 14 anos. Mesmo com paralisia em uma das pernas, trabalhou como servente de pedreiro antes disso. Anos depois, por intermédio do patrão, conseguiu uma vaga de auxiliar de portaria na Rádio MEC. Lá fez carreira até chegar a redator e se aposentar em 1999. Para pagar a faculdade de Letras na Pontifícia Universidade Católica, trabalhou simultaneamente no jornal O Globo e reservava o descanso para o final de semana. Certa vez, diz ter dormido mais de 24 horas seguidas sem perceber, tamanho o cansaço acumulado na semana de tripla jornada.

Tendo trazido do nordeste apenas o saber ler, hoje é autor de 200 a 300 cordéis, na maioria, fruto de pesquisa histórica, cujas temáticas abordam o conhecimento humano, mas também há espaço para a criação.

[PP14] Comentário: não há um “Morro de Santa Teresa”, mas um bairro.

– A ficção transforma o homem em Deus.

Ainda tem cordéis de romances e biografias e já escreveu livros. O primeiro foi em 1963, chamado *Um resto de razão*.

Nos anos 70, como muitos imigrantes nordestinos faziam, peregrinava pela feira de São Cristóvão e teve o sentimento que anos depois, em 1988, o levaria a fundar a instituição.

– Vi os meninos trabalhando de maneira sub-humana, pingando suor e tocando repente. Os cordelistas eram prejudicados por empresas grandes que queriam vender seus produtos na feira, e tinham cada vez menos espaço.

Na época, Gonçalo diz que era um funcionário jovem que estudava no Liceu Português. Estaria com a vida feita e não precisaria se preocupar em fundar uma academia, conforme fala. Como era muito eloqüente, um político veio a sua casa, atrás de votos. Era Valdir Cajaíba. Assim, Gonçalo conseguiu um certo apoio para o começo da ABLC. Inicialmente, usou emprestada a sala do comitê do político. Depois, diferentes lugares foram sedes da instituição. Mas frisa que já possuíam uma diretoria, estatuto, tudo nos moldes das academias literárias mais renomadas, inclusive a Academia Brasileira de Letras e outras, internacionais.

Os membros para o quadro acadêmico foram resultado de sua busca pessoal. Nesse momento, se deparou com mais uma dificuldade e teve de sacrificar a tradição do gênero.

– Empossamos poetas que não tinham condições pela qualidade e pela quantidade.

Questionado sobre quais são os grandes nomes do cordel hoje, ele responde: – É doloroso dizer, mas tem no máximo dez bons poetas por geração. Num local tem um grande mestre. Em torno dele cria-se um movimento. Quem não conhece o cotidiano do lugar conclui errado. Um pesquisador francês disse o Brasil era repleto de poetas populares. Como chegava nas feiras e via alguém declamando, pensava que era o autor dos poemas. A efervescência da distribuição causava essa impressão.

Gonçalo propriamente nunca vendeu cordéis em feiras. Quem fazia isso por ele muitas vezes era sua mulher. Além de cordéis, ela também negociou roupas e outros tipos de mercadorias sempre, como gosta de frisar, para ser investido na academia e na paixão do casal, em especial do esposo. É também instrumentista. Nas apresentações, ela toca viola para acompanhá-lo.

Com o tempo, a ABLC ganhou notoriedade e passou a empossar acadêmicos de grande porte, na visão do presidente. Como a atividade não gera a renda necessária para se manter, dedica parte de sua pensão para pagar as custas, que giram em torno de mil reais mensais. A casa foi uma doação do general Humberto Pellegrino. Lá funcionava antes a Casa de Cultura Saruê, onde aconteciam mesas de glosa, desafios de improviso entre poetas, mas sem rigor formal de instituição.

Como seu nome adquiriu prestígio, Gonçalo hoje cobra 300 reais para palestras no Rio, e mil para fora da cidade, sem incluir transporte e hospedagem. Diz estar com a agenda lotada para os dois próximos meses. Apesar de criticar os colegas que cobram menos e com receio de desvalorizar o gênero, também aceita alguns convites para falar sem remuneração, segundo Fernando Assumpção, economista apaixonado pelo cordel e mediador dos encontros de poetas que acontecem na instituição.

– Para ganhar dinheiro com a literatura de cordel tem que ser bom – alega Gonçalo.

O poeta Manuel Monteiro, radicado hoje no Ceará, é o maior nome na atualidade, para o presidente. Diz não achar erros em qualquer verso dele, além de não dar margem a histórias vulgares ou inverossímeis. Gonçalo lamenta que o cordelista Dila seja imprevisível e divague muito em histórias do cangaço. Tentou

empossá-lo na Academia, mas sem sucesso. Da mesma forma crítica o poeta Santa Helena, outro que diz ter íntima relação com Lampião, mas no sentido de vingar a morte da mãe pelo bandido. A frequência com que a imaginação começa a tomar conta da realidade de escritores é algo comum em sua visão.

Assim como os temas evoluíram, o próprio formato da literatura de cordel também tem se modificado. Gonçalo publicou recentemente o livro *Ciência em versos de cordel*, para uso em escolas. Fernando é outro que defende a nova forma para estimular o apreço das gerações mais jovens e acabar com o caráter descartável dos folhetos. A possibilidade de negociar livros compilando cordéis educativos para distribuição em colégios é uma fonte de renda interessante, mas, como Gonçalo ressalta, ter qualidade é fundamento indispensável. Quanto à ficção na poesia, ele pondera:

– O romance na literatura de cordel está muito prejudicado. Escreve-se mais o circunstancial, repercutindo fatos da mídia, como o caso Isabella.

No sentido de resgatar e renovar as tradições, promove aos sábados o projeto Encontros com Poetas Populares e Rodas de Cantoria, patrocinado pelo governo do Estado e pela Secretaria de Cultura. Dá 300 reais por apresentação. O criador foi o benemérito Fernando Assunção. Quando se apresentou, Gonçalo deu o cachê para a ABLC, dizendo não trabalhar por dinheiro na própria casa, e criticando quem pega o valor para si, correto em certo sentido, já que é ele quem sustenta a casa.

A proposta do encontro daquele sábado era trazer novos cordelistas e xilógrafos para debaterem a situação da arte e um pouco das próprias biografias. J. Victor, de 53 anos, designer, artista plástico e cordelista com 15 títulos publicados. Lobisomem, 35 anos, capoeirista, cordelista desde 2006, com 15 títulos publicados está ao lado. Erivaldo, com 44, completa a roda mediada por Fernando.

Os três artistas não são nordestinos e nasceram na metrópole.

J. Victor, apesar da idade, pode ser considerado alguém da nova geração. Para ele, o papel da juventude no cordel é prezar pela qualidade.

– Tem gente que escreve meia dúzia de cordéis e se diz cordelista. Na internet, inclusive, há uma disseminação distorcida. Há muita coisa ruim. O site da ABLC seria uma palavra da verdade para quem ainda não conhece o cordel.

Ele mesmo se considera postulante a cordelista, o que é prontamente rechaçado por Gonçalo, sempre solene. Na verdade, o que o impulsiona a escrever, diz, é um lado muito gozador que põe nos versos. Além disso, acha que consegue desenvolver um raciocínio que no final vai sair interessante.

Ainda que o governo tenha feito um museu de folclore com um acervo de seis mil folhetos, tenha premiado o gênero em 2008, entre outras ações, J. Victor pensa que não trata com qualquer esmero a literatura de cordel e a cultura.

Lobisomem conheceu o cordel depois que passou a praticar capoeira. Nas aulas, começou a se interessar pela cultura popular brasileira e escrevia músicas que retratavam a luta. Mais de dez anos depois, começou a esboçar cordéis e foi incentivado por Gonçalo e Erivaldo a publicá-los. Já morou no Rio grande do Norte e em Pernambuco, mas costuma criar histórias que se relacionam com a prática africana. Diz que muitos dos mestres de capoeira usavam versos de cordel musicados para embalar os combates. Por meio de seus poemas, procura divulgar grandes nomes do estilo que mescla golpes e dança e imaginar batalhas entre esses lutadores e

personagens como Lampião.

Um desses famosos embates coloca frente à frente o capoeirista pernambucano Nascimento Grande e o brigador João Sabe-Tudo. O cordel narra algumas vitórias e ciladas superadas pelo primeiro e sua bengala até seu encontro com o outro valente munido de uma peixeira.

Havia mais de uma hora
que a luta acontecia
uma multidão em volta
vibrava e aplaudia
cada vez que na rasteira
um dos valentões caía

As facadas de João
iam zunindo no ar
saíam até faíscas
quando vinham a acertar
um anel de Nascimento
em seu dedo anular

As bengaladas também
riscavam o ar zunindo
cada vez mais violenta
a batalha ia seguindo
e a cada grande lance
o povo ia aplaudindo

Lobisomen acredita que, quanto mais estiver próximo dos antigos, mais estará evoluindo.

– Evolução nem sempre é inovação. Em todo caso, não dá pra ser pelo dinheiro, tem que ser pelo amor mesmo.

Erivaldo inicia contando que não é nordestino, mas ali tem raízes. Seu pai é natural de lá e no Rio dava cordéis para o filho vender na feira de São Cristóvão. Quando J. Borges veio para a cidade fazer uma exposição, em 1983, ficou hospedado na casa da família de Erivaldo. Como viu que o menino gostava de desenhar, ensinou-lhe o básico da xilogravura e sugeriu que fizesse as capas dos folhetos de seu pai. Foi o que fez. Depois, Erivaldo conseguiu uma bolsa para estudar xilogravura na escola de Belas artes do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde hoje tem peças à venda. Mais tarde, passou a desenhar capas de livros e discos e até a fazer ilustrações para novelas.

A idéia de estampar suas gravuras em camisetas foi uma sugestão de uma mulher que passava pela feira de Copacabana, onde vende suas xilogravuras.

– Brasileiro não consome arte, mas consome roupa – ela disse.

Erivaldo seguiu o conselho e o aprovou. Mesmo vertendo para trabalhos mais complexos e sofisticados, tem a preocupação de permanecer no estilo popular. Acha que se sua arte evoluir demais poderá abandonar as características que o consagraram.

– As gerações futuras precisam conhecer essa linguagem – diz.

Estudou até o segundo grau e formou-se técnico em contabilidade. Já pensou

em desistir da arte, mas porque perdeu sua mãe e ficou deprimido. Isso afetou sua produção. Então, entre 1991 e 1994 ficou sem produzir e trabalhou na área contábil de uma escola. Com o tempo viu que alguma coisa estava lhe faltando.

– Eu faço porque gosto, se não precisasse do dinheiro faria também – concluiu.

Desde que Orígenes Lessa organizou um acervo de cordel, acha que essa arte voltou a ser valorizada e não vê hoje uma marginalização. Ano passado, por exemplo, um folheto que estampou ganhou prêmio do Ministério da Cultura. Vendeu mais de 100 mil cópias e deve ir para as escolas. Mesmo assim, Erivaldo continua a entalhar clichês na feira de São Cristóvão aos finais de semana para quem quiser conhecê-lo ou comprar J.Borges, Dilas, Olegários, Paulos e Gonçalves escolhidos de seu tabuleiro.

Assim como as perspectivas para o cordel, Erivaldo está mais otimista. Como os autores que de certa forma estão pendurados nos barbantes de sua barraca na feira de São Cristóvão, ambos superaram as dificuldades dos novos tempos e personificam a característica mutável de um gênero que disso se vale para sobreviver, fazer sobreviver e agradar aos que apreciam e irão apreciar as novas faces dessa poesia.

3.

Imagens da literatura viva